



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE TEATRO

CURSO: GRADUAÇÃO EM TEATRO

MODALIDADE: LICENCIATURA

DAS TREVAS DA CADEIA PARA AS LUZES DA RIBALTA

Por

EDSON SODRÉ TEIXEIRA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora como um dos requisitos para a obtenção do Grau de licenciado em teatro, realizado sob orientação da professora Dra. Viviane Becker Narvaes.

Rio de Janeiro, de de 2026

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

266 , EDSON SODRÉ TEIXEIRA
/ EDSON SODRÉ TEIXEIRA . -- Rio de Janeiro : UNIRIO,
2026.
113

Orientador: Viviane Backer Narvaes .
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Graduação
em Teatro, 2026.

1. Teatro e encarceramento. 2. Teatro em prisões. 3.
Espetáculo teatral. I. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE TEATRO

CURSO: GRADUAÇÃO EM TEATRO

MODALIDADE: LICENCIATURA

DAS TREVAS DA CADEIA PARA AS LUZES DA RIBALTA

Por

EDSON SODRÉ TEIXEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Viviane Becker Narvaes (orientadora)

Prof^ª. Dra. Natália Ribeiro Fiche

Prof. Dr. Marcelo Santos

Nota: _____

Rio de Janeiro, de de 2026

AGRADECIMENTOS

As professoras, alunas e alunos da UNIRIO, que construíram o projeto teatro na prisão: Natalia Fiche, Maria de Lourdes Naylor, Viviane Narvaes, Jacirene Lopes, Ana Paula, Helena Vieira, Emiliana, Bruno Rodrigues, Wagner Pinheiro, Carlos Tonelli, Luan de Almeida, Beto Corrêa, João Nazaré, Leonardo Gallarte, Sergio Kauffmann, Janaina Russef, Roberta Campos, Natali Barbosa, Isabour Estevão, Duanny Dantas, Peterson Oliveira, Leandro Lobo, Felipe Andrade, Yhorana Carpanelli, Nadir Pires, Julia Lopes, Juliane Portella, Fabricia Cremonez, Nina Sartes, Isabella Araújo, Sarah Sanfins, Gabriella Allevato, Pedro Danilo, Pedro Zurawski, Bernardo Machado, Celso Guimarães, Felipe Pedrini e aos que darão continuidade...

À Luzia Sodré Pinto (minha mãe), Nagipe Teixeira Pinto (meu pai), Elizete Sodré (irmã), Romilson Sodré (irmão)

Em especial à Andrea Barbosa Martins, que a seu modo, tornou minha jornada menos dolorosa.

Infelizmente, nós, que queríamos preparar o caminho para a amizade, não pudemos ser, nós mesmos, bons amigos. Mas vocês, quando chegar um tempo que o homem seja amigo do homem, pensem em nós com um pouco de compreensão. (BRECHT, 1982, p.166).

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso, se propõe a revisitar minha vivência como sobrevivente do cárcere, analisando processos que estão metamorfoseando o bandido que um dia fui, um sobrevivente do cárcere, em um cidadão, artista-professor-pesquisador. A metodologia utilizada, foi a narrativa autobiográfica, acompanhada de exercício de dramaturgia e atuação, examinando minha trajetória, antes, durante e após a entrada no projeto de extensão Teatro na Prisão: uma experiência pedagógica em busca do sujeito cidadão, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio; que há vinte e nove anos vem promovendo aulas de teatro dentro de unidades prisionais e Centros de Socioeducação do Estado do Rio de Janeiro.

Palavras chaves. Teatro e Prisão; Socioeducação; Trajetória.

ABSTRACT

This final course paper aims to revisit my experience as a prison survivor, analyzing processes that are transforming the criminal I once was, a survivor, into a citizen, artist-teacher-researcher. The methodology used was autobiographical narrative, with dramaturgy and acting exercises, examining my trajectory before, during, and after joining the extension project called Teatro na Prisão: uma experiência pedagógica em busca do sujeito cidadão, at the Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio; which for twenty-nine years has been promoting theater classes within prison units and Socioeducational Centers in the State of Rio de Janeiro.

Keywords: Theater and Prison; Socioeducation; Trajectory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 PROJETO DE EXTENSÃO TEATRO NA PRISÃO: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM BUSCA DO CIDADÃO	13
2 DE PAULO FREIRE A PROMETEU	20
2.1 Caminhos por onde andei	21
2.2 Minhas faculdades	22
2.3 Universidade do crime	22
2.4 O paraíso do inferno	24
2.5 Renascido do inferno	25
2.6 Nelson + capixaba = nelson capixaba	25
3 ANTES DO CÁRCERE	26
3.1 Depois do cárcere	26
3.2 Educação de um bandido	27
3.3 Policia ou bandido	27
3.4 Cara de empresário	28
3.5 A cezar o que é de cezar	28
3.6 Chumbo trocado não dói	30
3.7 A morte acidental de Jorge Carelli	30
3.8 A morte acidental de um anarquista	31
4 MONSTRO	32
4.1 Rapace e predador	33

4.2 Fogo	34
4.3 Assim nascem os monstros	35
5 MEUS TRINTA ANOS	37
5.1 Nasce o Sodré	37
5.2 Nelson Rodrigues	38
5.3 Diário de um ladrão ou tcc	41
5.4 Às vezes no silêncio da noite	43
5.5 Às vezes durante o dia	43
5.6 O efeito Lúcifer	45
5.7 Do tcc ao thc	45
6 FUGA	46
6.1 Fuga cinematográfica	46
7 DO CÁRCERE À UNIVERSIDADE	49
8 MÃOS QUE AGEM	50
9 PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI (DA PRAÇA) DAS FLORES	51
9.1 Divergências	51
9.2 Primeira vez na prisão	52
9.3 O inferno de agora e o de dantes	52
9.4 A arte nos ajuda a suportar e mudar a dura realidade	53
9.5 Virgílio	55
9.6 A revolta das bananas	55

9.7 Beatriz	56
10 SORRIAM VOCÊS ESTÃO NO MEU TEXTO	58
10.1 Sonho do Sodré	58
10.2 Primeiro tema	58
10.3 Podem prender o meu corpo, mas não os meus pensamentos	59
10.4 Dos navios negreiros aos navios prisões	60
10.5 Crime e castigo	60
10.6 Mudando de opinião	61
10.7 A hora e a vez do Sodré	61
10.8 A mãe no meio	64
10.9 A primeira vez no palco	64
11 DEVANEIOS DA LOUCURA	65
11.1 Batismo a Dionísio	66
11.2 Renascido das águas	66
11.3 Rato de biblioteca	68
11.4 Um caso de amor	68
12 NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA CRIANÇA	70
12.1 Das dores e dos prazeres	70
13 GRUPO TEATRAL QUERO UMA CHANCE	72
13.1 O pagador de promessas	74
13.2 O verdugo	76

14 SAINDO DA MOITA	78
15 GRUPO TEATRAL DAKADEIA	80
15.1 A farsa do advogado	80
16 GRUPO TEATRAL KRIADAKÍ	81
16.1 As sementes	82
16.2 Dois neurônios numa mente suja	86
16.3 Nem com uma flor	87
16.4 o evangelho segundo dionísio	90
17 FUGA COLETIVA	94
18 BOA OUVINTE	96
18.1 a divina comédia (ou o inferno de dante)	97
18.2 enfim o fim	98
19 MUDANDO A CENA	99
19.1 Capitães da areia	103
19.2 A vida é sonho	103
20 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	108

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 – Reunião do Projeto Teatro na Prisão na Unirio	13
Foto 2 – Intercâmbio com o Prison Creative Arts Project - PCAP (Projeto de Artes criativas em prisões), da University of Michigan	15
Foto 3 – Ensaio aberto de “Dois perdidos numa noite suja”. Intercâmbio com o PCAP (Projeto de Artes criativas em prisões), da University of Michigan	15
Foto 4 – Reunião do projeto o leitor como Protagonista	16
Foto 5 – Aula na associação cultural Kriadaki	21
Foto 6 – Aulas nas unidade socioeducativa do DEGASE	21
Foto 7 – A face da guerra, Salvador Dali. Fonte: AH Aventuras na Historia.....	33
Foto 8 – Javalis mortos. Fonte: Tribuna Centro oeste notícias	34
Foto 9 – Cena de Nem com uma Flor	39
Foto 10 Aplicação do Castigo do Açoite, de Jean Debret	44
Foto 11 – Antiga Penitenciária Lemos Brito, na Rua frei Caneca, RJ	46
Foto 12 – Fuga na Lemos Brito, Jornal Última Hora de 25/03/1983	47
Foto 13 – Meninos abandonados, O Globo. Fonte: Domingos Peixoto	62
Foto 14 Se equilibrando numa árvore, Ilha de Guriri, São Mateus, ES	66
Foto 15 Grupo teatral Quero uma chance e bolsistas da Unirio	72
Foto 16 O baile, Grupo teatral quero uma chance	73
Foto 17 Rádio era uma vez, Grupo teatral quero uma chance	73
Imagem 18 – O pagador de promessas, Grupo teatral Quero uma chance.....	74
Imagem 19 – “O pagador de promessas” Grupo teatral Quero uma chance	74
Imagem 20 – “O pagador de promessas” Grupo teatral Quero uma chance	75
Imagem 21 – “O verdugo” Grupo teatral Quero uma chance	76
Imagem 22 – Escola de teatro popular, Grito dos excluídos	78
Imagem 23 – Os Saltimbancos, Grupo teatral kriadaki	81
Imagem 24 – As Sementes, Grupo teatral kriadaki	83
Imagem 25 – Sede do Grupo teatral kriadaki	83
Imagem 26 – Aulas de teatro no projeto do Grupo teatral kriadaki	84
Imagem 27 – Reforço escolar no projeto do Grupo teatral kriadaki	84
Imagem 28 – Aulas de informática, projeto do Grupo teatral kriadaki	85

Imagem 29 – Cine clube, no projeto do Grupo teatral kriadaki	85
Imagem 30 – Dois neurônios numa mente suja, Grupo teatral kriadaki	86
Imagem 31 – Nem com uma flor, Grupo teatral kriadaki	88
Imagem 32 – Nem com uma flor, Grupo teatral kriadaki	88
Imagem 33 – O evangelho segundo Dionísio, Grupo teatral kriadaki	91
Imagem 34 – Mostre-me a saída, Grupo fuga coletiva	95
Imagem 35 – Centro cultural museu da justiça, O evangelho segundo Dionísio	99
Imagem 36 – Centro cultural museu da justiça, O evangelho segundo Dionísio	100
Imagem 37 – Museu Arthur Bispo do Rosário, Dois neurônios numa mente suja	101
Imagem 38 – DEGASE-RJ, O evangelho segundo Dionísio	101
Imagem 39 – DEGASE-RJ, O evangelho segundo Dionísio	102
Imagem 40 – DEGASE-RJ, O evangelho segundo Dionísio	102
Imagem 41 – Teatro poeirinha, Tráfico	105

INTRODUÇÃO

Esse trabalho de conclusão de curso, tem o objetivo de falar dos caminhos e processos que estão transformando o bandido que um dia fui, um sobrevivente do cárcere, em um cidadão, artista e professor.

A narrativa autobiográfica acompanhada de exercício de dramaturgia e atuação foi a metodologia mais adequada para falar dessa caminhada pelos diversos círculos do inferno¹, que é o sistema penitenciário, até a penitenciária Lemos Brito, outrora apelidada de “O paraíso do inferno”, (por ser a menos pior das prisões cariocas), na qual me iniciei no teatro, por intermédio do projeto de extensão Teatro na Prisão; que há vinte e oito anos vem promovendo aulas de teatro dentro do sistema penitenciário e centros de Socioeducação do Departamento Geral de Ações Socioeducativas do Estado do Rio de Janeiro – DEGASE/RJ.

O meu ponto de partida é o Projeto de Extensão Teatro na Prisão: uma experiência pedagógica em busca do sujeito cidadão, no qual encontrei “Beatrizes e Virgílios”² que cada uma e um a seu modo, me acompanharam nessa jornada “das trevas da cadeia, para as luzes da ribalta”.

Se acaso quereis saber por quais motivos escrevo esse Trabalho, com letras vermelhas, eu vos direi em seguida, agradecido pela gentileza de vossa generosa atenção: Após refletir sobre os inúmeros autores que escreveram sobre “A arte de escrever”, decidi “não invocar as musas” e me inspirar nos preceitos de dois grandes autores aos quais admiro, Erasmo de Roterdã e Friedrich Nietzsche: o primeiro aconselha: "Não conhecendo a meditação, nem a tortura do cérebro, nem as vigílias, escreve tudo o que sonha, tudo o que lhe vem à cabeça" (ROTTERDAM, 1972, p. 67). O segundo destaca: "De todo o escrito só me agrada aquilo que uma pessoa escreveu com o seu sangue. Escreve com sangue e aprenderás que o sangue é espírito" (NIETZSCHE, 1978, p. 37).

Porém, como dei livre expressão ao fluxo de consciência, outros autores, que me acompanharam em minha jornada nas profundezas do inferno, se fizeram presentes em minha narrativa.

¹ Alusão a obra de Alighieri, Dante. *A Divina Comédia: Inferno, Purgatório e Paraíso*. Tradução e notas de Ítalo Eugênio Mauro. Em português e italiano (original). Editora 34, São Paulo, 1999.

² São personagens de A Divina Comédia. Virgílio: O poeta que guia Dante pelo inferno e pelo purgatório, Beatriz: A musa de Dante, que o conduz ao paraíso.

Os prezados leitores deverão observar, que embora essa seja uma monografia de conclusão de curso em licenciatura em teatro, falo tanto das experiências que estão me formando como professor, quanto das vivências que estão me constituindo como artista, o motivo para isso é que ainda me sinto “incompleto” e julgo haver um longo caminho a ser percorrido, até que eu me sinta digno dos alunos que tive, tenho e pretendo ter, pois dado a minha origem e os caminhos por onde andei, antes e durante minha graduação, julgo importante conhecer melhor as obras dos grandes mestres, posto que, elas, somadas aos saberes adquiridos e por adquirir, antes e durante e após minha jornada na cadeia e na universidade, irão me qualificar a ser melhor professor. Por isso creio que ao chegar aos últimos anos de minha graduação, o universo conspirou para minha entrada na Escola de Teatro Popular - ETP³, pois a “pedagogia do oprimido” e “o teatro do oprimido”, entre outras, são armas que preciso saber usar, para melhor exercer o meu ofício de professor e artista.

O prezado leitor haverá de perceber que minha escrita é fragmentada e com ideias que se repetem, porém não é por uma escolha estética, mas por haver em meu corpo as memórias de uma vida passada no cárcere, que de certa maneira me condicionou a um comportamento descontínuo, que resulta numa escrita fragmentada, como um espelho quebrado em muitos pedaços, nos quais, em cada um, há uma parte do todo.

³A ETP é um espaço de formação e multiplicação de Teatro do Oprimido, coordenado por Julian Boal e Geo Brito.

1 PROJETO DE EXTENSÃO TEATRO NA PRISÃO: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM BUSCA DO SUJEITO CIDADÃO

Para dar início a este TCC, elegi como capítulo primeiro rememorar um importante marco da minha trajetória: Em 1993, eu fui preso por envolvimento em diversos sequestros e fui condenado a 108 anos de prisão. Em todas as cadeias que eu chegava o meu objetivo era sempre fugir. Após várias tentativas de fuga, eu fui transferido para a penitenciária Lemos Brito, no centro do Rio de Janeiro, lá chegando eu encontrei o Wilson Camburão, um velho bandido que me deu algumas dicas para possíveis fugas. Ele me falou de uma fuga cinematográfica, no duplo sentido da palavra. Durante a exibição de um filme, um famoso assaltante de bancos, chamado Mimoso, fugiu por uma manilha de esgoto que passava por baixo do palco do teatro e do cinema daquela penitenciária. E foi com a intenção de fugir por aquela manilha, que eu entrei para as aulas de teatro do projeto Teatro na Prisão da UNIRIO.



Foto 1 – Reunião do Projeto Teatro na Prisão, Unirio.
Fonte: Acervo Programa Cultura na Prisão (2024, p.).

O projeto Teatro na Prisão, uma experiência pedagógica em busca do sujeito cidadão foi criado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO no Centro de Letras e Artes a partir do Departamento de Interpretação da Escola de Teatro. O

projeto iniciou-se em junho de 1997, após um seminário conduzido pelo professor Paul Heritage⁴, a convite da direção da Escola de Teatro da UNIRIO, direcionado para professores e alunos de teatro dessa escola, durante o qual realizaram duas oficinas na penitenciária Lemos Brito, após as quais, os integrantes da UNIRIO decidiram dar continuidade a estas oficinas, que se tornou um dos primeiros projetos de extensão da UNIRIO. A coordenação do projeto ficou sob responsabilidade das docentes Maria de Lourdes Naylor Rocha⁵ e Natália Ribeiro Fiche⁶, até o ano de 2009, em que a professora Viviane Becker Narvaes⁷, do Departamento de Ensino de Teatro, passou a dividir a coordenação do projeto com a professora Natália Fiche, após a aposentadoria da professora Maria de Lourdes Naylor Rocha.

Ao longo de seus vinte e nove anos de existência, as ações do programa de extensão, que começaram na Penitenciária Lemos Brito, vêm atingindo um grande número de pessoas encarceradas; ao se estender para outros presídios do Rio de Janeiro: Penitenciária Esmeraldino Bandeira, Presídio Evaristo de Moraes, Penitenciária Joaquim Ferreira Souza, Presídio Nelson Hungria (feminina), Penitenciária Talavera Bruce (feminina), Unidade Materno Infantil (UMI), Penitenciária Oscar Stevenson (feminina) e nas unidades socioeducativas do DEGASE - RJ: Centro de socioeducação Gelso de Carvalho Amaral, Centro de Socioeducação Dom Bosco, Centro de Socioeducação Professor Antônio Carlos Gomes da Costa, (unidade feminina), localizados na Ilha do Governador, Rio de Janeiro.

As idas aos presídios e centros socioeducativos, acontecem semanalmente, dentro do calendário acadêmico, as reuniões que antecedem cada oficina são realizadas todas quintas-feiras na Unirio, com trabalho teórico, palestras, oficinas ministradas por professores convidados e outras ações visando fundamentar a prática dos discentes.

O projeto vem realizando intercâmbios com projetos similares no Brasil e exterior, tais como: TEATRO E PRISÃO – Grupo de pesquisa e extensão da UDESC –

⁴Professor de Teatro e Performance da Queen Mary University of London, Diretor Artístico de People's Palace Projects. Por mais de três décadas, tem criado projetos artísticos no Brasil e Reino Unido em prisões, favelas, territórios Indígenas e áreas periféricas da América Latina, Índia e Paquistão.

⁵Bacharel em direção teatral pela UNIRIO, mestre em teatro educacional pela New York University. (NYU), doutorado em teatro pelo PPGAC/Unirio e professora aposentada do curso de Licenciatura em teatro da Unirio.

⁶Bacharel em Fonoaudiologia, especialista em Educação Estética – Unirio, mestre em teatro pela PPGAC/Unirio e Doutorado em teatro pelo PPGAC/Unirio e professora de Expressão vocal do departamento de interpretação da Unirio.

⁷Coordenadora do Programa de Extensão Cultura na Prisão e professora do Departamento de Ensino de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Universidade do Estado de Santa Catarina, sobre/a partir de práticas artísticas em espaços de privação de liberdade, coordenado pelo professor Vicente Concilio; ARBÍTRIO: TEATRO NA PRISÃO NO AMAZONAS – Projeto do Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas, coordenado pela professora Annie Martins;

PCAP – Prison Creative Arts Project (Projeto de Artes criativas em prisões), da University of Michigan – UMICH (Universidade de Michigan) coordenado pela professora Ashley Lucas.



Foto 2 – Intercâmbio com o Prison Creative Arts Project - PCAP, da University of Michigan.
Fonte: Acervo Programa Cultura na Prisão.



Foto 3 – Ensaio aberto de “Dois perdidos numa noite suja”. Intercâmbio com o Prison Creative Arts Project - PCAP, da University of Michigan. Fonte: Acervo Programa Cultura na Prisão.

Esses intercâmbios realizados proporcionaram uma troca bastante produtiva entre professores e alunos das universidades envolvidas, resultando na criação do projeto extra grades, ao qual se juntou o professor Marcelo dos Santos⁸ que passou a incorporar o corpo docente do programa de extensão cultura na prisão, ministrando oficinas de literatura, escrita dramática e coordenando o projeto O Leitor Como Protagonista: Literatura, Existência e Convívio Social.



Foto 4 – Reunião do projeto o leitor como Protagonista.
Fonte: Acervo, o leitor como protagonista.

Esse projeto tem a leitura e a interpretação como práticas sociais que constroem possibilidades de existência e funcionalidades diversas na vida em sociedade. A ação vincula-se ao programa de extensão Cultura na Prisão, da UNIRIO, desenvolvido no âmbito da Escola de Teatro. Oriunda da Escola de Letras, esta atividade tem como matéria-prima o texto literário e suas potencialidades significativas e sociais e, como público, pessoas sobreviventes do cárcere. A ação se desenvolve com oficinas semanais realizadas na UNIRIO.

⁸Marcelo dos Santos é professor do Curso de Letras da Unirio, possui graduação em Letras pela UERJ (2003), mestrado em Literatura Brasileira pela UERJ (2006) e doutorado em Literatura Comparada pela UERJ.

Um dos objetivos do “leitor como protagonista” é estimular a leitura e a escrita, porém não consegui atingi-los com a eficiência que gostaria, pois ao contrário do poema de Fernando Pessoa, que popularizou uma frase gloriosa de Plutarco, um general Romano: "Navegar é preciso; viver não é preciso" (PESSOA, 1999, p. 43). Eu não quis para mim o espírito desta frase, pois após passar mais da metade da minha vida preso, senti necessidade de gozar os prazeres que me foram possíveis, posto que parafraseei um pensamento de J.J Rousseau: "O homem que mais viveu não é aquele que contou mais anos, mas aquele que mais sentiu a vida.", Emílio (Livro I); e o reduzi a uma máxima que adotei como filosofia de vida: O homem e a mulher que vivem mais, não são aqueles que vivem mais tempo, mas sim aqueles que mais gozam os prazeres da vida.

O prezado leitor haverá de concordar, que essa é uma boa frase para justificar a minha baixa produtividade na escrita, entretanto ela não é baixa por escolha, pudesse eu escolher, escolheria ter sido mais produtivo, porém como disse João Nogueira “ninguém faz samba só porque prefere” (PINHEIRO, DUARTE E NOGUEIRA, 1983) e essa poesia serve para a escrita e todos os tipos de criação.

Durante oito anos de minha graduação fui bolsista do projeto “O leitor como protagonista” coordenado pelo Professor Marcelo dos Santos, ao qual agradeço pela liberdade e autonomia a mim dispensadas, que resultou em oito peças escritas, uma das quais “O nosso Evangelho”, foi publicada na revista Urdimento da UDESC no Dossiê Artes da Cena atrás das grades.⁹

E se, do pouco que escrevi nada resultou em “sucesso”, em minha defesa eu digo, que não fiz isso por escolha, pois como disse Denis Diderot (1979), ninguém “escolhe” escrever fracassos ou sucessos, quem decide isso é o público, segundo Diderot, não se escolhe deliberadamente produzir sucessos ou fracassos, pois a validação da peça ou do livro reside inteiramente no julgamento e na recepção do público. Portanto aos “sopradores de zarabatana” (Idem), - Diderot, compara os críticos a aqueles que usam a zarabatana para assoprar setas envenenadas em seus desafetos-, que acaso futuramente venham julgar que minha obra é um fracasso, eu darei um sorriso, enquanto penso:

– Fodam-se

E continuarei escrevendo fracassos, como nos aconselha a frase de Samuel Beckett, que o Antônio Abujamra vivia repetindo: “fracasse de novo, fracasse melhor” e

⁹ TEIXEIRA, Edson Sodré. Nosso Evangelho. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 39, p. 1-13, dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/18861>. Acesso em: 7 abr. 2026.

a cada fracasso e crítica recebida eu lhes darei o meu melhor sorriso e novamente pensarei:

– Foda-se!!!

E continuarei escrevendo... pensar nessa palavra me faz ter pensamentos libidinoso, confessar isso não é em si um motivo de vergonha, posto acreditar que a libido é a força motriz por trás da expressão criativa e a energia que impulsiona o escritor a criar e dar formas às ideias e emoções, por isso, não irei ficar racionalizando os conflitos entre id, ego e superego e permitirei que o inconsciente de livre curso a suas manifestações e pensarei:

– Foda-se.

Sempre que se fizer necessário.

Mas pensando bem, direi dane-se!!! Pois há pouco tempo alguém que entende desse assunto, me disse que “mandar se fuder e tomar no cu”, é coisa que só deveríamos dizer apenas para aqueles que queremos bem, visto serem práticas muito prazerosas, graças às quais nos divertimos e multiplicamos a espécie. Por isso tomo emprestado um dos famosos sonetos de Pietro Aretino:

Fodamos, meu amor, fodamos presto, / Pois foi para foder
que se nasceu, / E se amas o caralho, a cona amo eu; / Sem isto,
fora o mundo bem modesto/ fosse foder após a morte honesto,/
Morramos de foder! Seria o meu lema presto. (ARETINO, 1986,
p. 15).

Naturalmente, o prezado leitor percebeu que quando disse: “aquele que vive mais é aquele que mais goza os prazeres da vida”, não estava falando, apenas do sexo, pois se nos limitarmos apenas a esse prazer, estaremos nos igualando aos animais quadrúpedes, cujos únicos prazeres na vida, são comer, beber e copular.

Voltando a arte de escrever, eu diria que entre os mais produtivos, houve alguns que aparentemente foram muito felizes adotando a máxima de Fernando Pessoa, como foi o caso de Dante Alighieri, que segundo consta passou dezessete anos escrevendo “a divina comédia” e foi muito lido, ao passo que outros, passaram dez, vinte, trinta anos ou mais escrevendo livros que agradam apenas alguns remelentos de sua espécie como disse Erasmo de Roterdã:

É preciso acrescentar ainda que esses sonhadores que andam em busca de imortalidade arruinam a saúde, tornam-se pálidos, magros, remelentos e, às vezes, até cegos. São sempre miseráveis, invejados, não têm prazer algum e, como resultado, só conseguem apressar a velhice e a própria morte. Malgrado tudo

isso, o nosso sábio considera suficiente, como remédio a tantos males, a aprovação de um ou dois remelentos da sua espécie. (ROTTERDAM, 1972, p. 68).

Essa é a minha opinião, porém, “opinião é como bunda, cada um tem a sua”, por isso não sairei por aí opinando na vida daqueles cujos prazeres são se dedicar à escrita, pois, parafraseando o que dizia Antônio Abujamra¹⁰: “a vida é deles estraguem-na como quiserem”.

¹⁰ ABUJAMRA, Antônio. **Provocações**. São Paulo: TV Cultura, [2020]. Disponível em: [https://youtu.be/oAl6m25QRiU?si=WGRYV9WGSiX8vBZ]. Acesso em: 7 abr. 2026.

2 DE PAULO FREIRE A PROMETEU

Me atendo ao título desse parágrafo, para dizer que essa é uma monografia de um curso que forma profissionais da educação, e vos digo, que desde a minha infância eu ouço discursos políticos sobre a necessidade de investir em educação para promover o desenvolvimento do país, porém isso nunca foi feito, provavelmente por conhecerem a máxima frequentemente atribuída a Voltaire (1978): "Um povo que pensa é um perigo para os governantes", que reflete a importância do esclarecimento contra a tirania.

Possivelmente por esse motivo, no âmbito do capitalismo não é comum a prática dos ensinamentos de grandes pensadores da educação e da política, que, de Paulo Freire ao mito de “Prometeu acorrentado” vem proclamando o conhecimento como forma de nos libertar do chamado “instinto de rebanho”.

Para melhor compreender cabe lembrar:

Prometeu rouba o fogo sagrado do Olimpo (símbolo do conhecimento, da técnica e da civilização) e o entrega aos homens, que até então viviam na ignorância e no desamparo. Furioso com a insubordinação, Zeus ordena que Prometeu seja acorrentado a um rochedo no Cáucaso. Lá, uma águia devora seu fígado durante o dia, que se regenera à noite (por ele ser imortal), perpetuando o tormento. Mesmo sob tortura, Prometeu mantém-se desafiador. Ele detém um segredo profético sobre a queda de Zeus, mas se recusa a revelá-lo em troca da liberdade, tornando-se o símbolo máximo do mártir intelectual e da rebeldia contra a tirania. ÉSQUILO. Prometeu acorrentado. (Kury, 1976. P.32)

2.1 caminhos por onde andei

"Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar" (FREIRE, 1992, p. 155)

As narrativas desse trabalho demonstrarão que enquanto artista, estou fazendo o meu caminho, visto que desde que cheguei a esta universidade, sempre estive atuando em algum projeto, ora como dramaturgo, diretor e ator do grupo teatral Kriadakí, ora como ator no grupo Fuga coletiv@, ora como tema em documentários, (entre os quais o “Extragrades”, de Luiz Gustavo Ferraz, que contará a história do projeto teatro na prisão). E desde o final de 2023 atuando em cenas curtas como membro do núcleo do centro, da Escola de Teatro Popular. E no momento em que faço a revisão deste trabalho, venho

ensaaiando um monólogo que será apresentado na semana de defesa do meu TCC. Porém como essa é uma monografia de conclusão da graduação em licenciatura, convém que eu fale um pouco de minhas experiências como professor.

Nessa questão fui um privilegiado, pois minhas primeiras aulas foram dadas para adolescentes da favela do Jacarezinho, em uma Organização Não Governamental, que ajudei a fundar; e para os adolescentes nas unidades socioeducativas do DEGASE, do Estado do Rio de Janeiro, junto com a equipe do Projeto Teatro na Prisão, da UNIRIO.



Foto 5 – Aula na associação cultural Kriadaki, Jacarezinho, RJ. Fonte: Acervo pessoal



Foto 6 – Aulas nas unidade socioeducativa do DEGASE, RJ.
Fonte: Acervo Programa Cultura na Prisão

Em síntese, essas minhas caminhadas, despertaram em mim, a vontade de continuar caminhando, para que eu possa conhecer novas ferramentas para melhor exercer o meu ofício. Para ser melhor compreendido, julguei necessário falar das “faculdades” que passei antes de chegar a faculdade de teatro da UNIRIO, para tal narrarei “os caminhos por onde andei” antes e durante minha graduação, assim como os processos criativos de algumas das peças que escrevi e atuei – o que, junto com as conversas que tive com algumas amigas e amigos, no jardim da Unirio, estão me constituindo enquanto pessoa, artista e professor.

2.2 minhas faculdades

Tentando ser conciso, como aconselha Tchecov, em “Sem trama e sem final: “99 conselhos sobre a escrita”¹¹, e fazendo uma alusão a “minhas universidades” de Máximo Gorki¹², eu diria que “minhas faculdades” foram: minha infância de criança pobre, meus primeiros empregos, as leituras de histórias em quadrinhos e livros de faroeste americano, seis anos passados como soldado e cabo na força aérea brasileira, no final da ditadura militar, o mundo do crime, (no qual estive bem próximo de dar vazão aos impulsos mais sombrios, que dizem haver em cada um de nós) e os cárceres infectos do sistema penitenciário carioca, onde passei mais de trinta anos cumprindo pena por várias condenações, ou como dizem os críticos, do sistema penal, “cursando a universidade do crime”.

2.3 universidade do crime

Após mais de duas décadas passadas “me graduando” nas masmorras cariocas, ganhei o direito de sair da prisão para visitar minha mãe; após os beijos e abraços, ela me disse o quanto orou por mim, pedindo a Deus que enviasse um anjo para me proteger da morte, tal como descreve o salmo bíblico, no qual Deus teria enviado um anjo para proteger Daniel, na cova dos leões. Respeitando a sua crença, lhe agradei pelas orações e a abracei em silêncio, convicto que o que preservou minha vida, foi o fato de ter ficado

¹¹ "Escreva de tal forma que o leitor sinta a vida sem precisar de explicações." (TCHEKHOV, 2011, p. 45).

¹² *Minhas Universidades é o último livro da trilogia autobiográfica de Máximo Gorki, que inclui: o volume I "Infância", e volume II "Ganhando meu pão", escritas em 1912-13.)*

distante das disputas de poder, que são as causas da maioria das mortes ocorridas nos cárceres. Mesmo assim, por diversas vezes estive frente a frente com a morte, por que, como se diz na cadeia, “quando você não quer problema, o problema vem até você”; e numa dessas vezes, o problema veio materializado no corpo de um jovem, que tinha o apelido de “morte”, por que ele tinha uma enorme tatuagem da morte em seu braço. E posso lhes afirmar que ele fez jus a esse apelido.

O conflito começou, quando alguns meses antes fui voto de minerva numa decisão que impediu que ele e outros detentos, recém-chegados, matassem alguém numa galeria da penitenciária Bangu I, onde só conviviam dose presos e por isso todos conheciam as respectivas famílias; e por isso haviam combinado não matar ninguém nesta galeria, e decidiram que em casos graves, o preso deveria ser obrigado a trocar de galeria. O fato é que seis dos presos antigos foram transferidos e em seus lugares colocaram um grupo que já havia matado vários em outros presídios, visando assumir um papel de liderança numa facção que naquele tempo não aceitava a figura do chefe de cadeia. Enfim, até então estava combinado que nessa galeria ninguém usaria facas; e após esse fato que tive que intervir, esses presos novatos começaram a fazer facas artesanais; alguém ou talvez o colega ameaçado pela quadrilha, deve ter levado essa informação para os guardas, pois eu e o cara que eles queriam matar, fomos transferidos para outra galeria, na qual meses depois o jovem “morte” chegou, alegando que teve problemas com seus amigos matadores, devo vos dizer que a história não me convenceu e devido sua fama, nunca dava as costas para ele. Algum tempo depois recebi a informação que o “morte”, havia vindo para a galeria, na missão de me matar. Enfim, um dia ele colocou fogo em seu colchão e o jogou no meio da galeria e proferindo xingamentos, disse que estava com duas facas e iria matar alguém na parte da manhã quando abrisse a galeria. Como era de se esperar, os guardas apagaram o fogo e na manhã seguinte o deixaram trancado por causa da falta disciplinar cometida.

Assim que a cadeia abriu, o coletivo se reuniu, para decidir o que fazer com “o morte”, alguém argumentou que ele devia ser morto e justamente quando eu falava, que em minha opinião ele deveria ter oportunidade de pedir para sair da galeria; e em caso de recusa ser retirado na base da porrada, ele chegou à grade e ao me ver falando, começou a me xingar e dizer que iria arrancar meu coração. Ao ouvir isso fui até a sua porta e como ele continuou com as ameaças, decidi me defender usando os meios que estavam à minha disposição. Imediatamente fui de cela em cela pegando os colchões e os joguei em frente

a porta de sua cela, meu plano era entupir os cadeados da porta da entrada da galeria, com palitos de dente, para retardar ao máximo a entrada dos guardas, que por ventura viesse socorrê-lo; e colocar fogo nos colchões e queimá-lo vivo, já estava com o isqueiro na mão, quando por algum motivo mudei de ideia, desisti de entupir os cadeados e joguei os colchões para o lado, deixando apenas um em frente a sua cela; e taquei fogo. Hoje vejo que essa foi a melhor decisão, pois naquele momento a minha intenção era apenas chamar atenção de que havia perigo de morte iminente na galeria e que um de nós dois deveria ser transferido, enfim quando os guardas ouviram os gritos dele e se deram conta do fogo, entraram na galeria e pegaram a vassoura que eu lhes dei e tiraram o colchão incendiado da porta e ao entrar o encontraram caído no chão desacordado por ter inalado a fumaça tóxica resultado da queima do colchão. Enfim hoje eu sei, que experienciei os conflitos morais de um crime bárbaro, antes de sua execução, mas ao contrário de Raskonikov, o personagem de Fiódor Dostoiévski, em Crime e Castigo, eu decidi não cometer esse assassinato.

Antes de prosseguir, devo vos dizer que antes de ter a vida “do morte” em minhas mãos, em muitas ocasiões tive a minha vida nas mãos “da morte”, tais fatos se deram em alguns confrontos com a polícia e em tentativas de fugas nas diversas prisões pelas quais passei, entretanto para não correr o risco de escrever um “catálogo telefônico”, seguirei em frente, tentando ser mais conciso.

2.4 o paraíso do inferno

No parágrafo anterior eu disse que tentarei ser mais conciso, porém quem me conhece sabe que a prolixidade é uma de minhas características, por isso antes de prosseguir, falarei de “o paraíso do inferno”, (a Penitenciária Lemos Brito), na qual me iniciei no teatro. Essa penitenciária outrora localizada no centro do Rio de Janeiro, teve esse apelido por ser a penitenciária com um espaço físico menos opressivo, com trabalho, escola, espaço para esportes e manifestações culturais, como música, capoeira, teatro, etc; tinha celas individuais, nas quais uma vez por semana os presos tinham direito a dormir uma noite com sua companheira, porém com a opção pelo punitivismo, como forma de combate ao crime, esse direito foi suspenso, “suspenso oficialmente”, por que hoje, caso um rico seja preso, poderá desfrutar de inúmeras regalias e dormir com sua companheira quantas vezes quiser, basta pagar. Antes de prosseguir devo vos dizer, que no ano de

2007, “o paraíso do inferno” foi implodido e transferido para um prédio novo no Complexo Penitenciário de Gericinó e se tornou um inferno como todos os outros.

2.5 renascido do inferno

Os leitores mais sensíveis me desculpem, mas não poderia falar de prisão, sem evocar as lembranças dos acontecimentos que fizeram com que eu “renascesse do inferno”, para isso, se faz necessário que eu fale um pouco do “Nelson Capixaba”.

2.6 nelson + capixaba = nelson capixaba

Nelson Capixaba foi a primeira informação que a polícia teve sobre mim: um sujeito que na década de noventa vinha praticando diversos sequestro na cidade do Rio de Janeiro, usando o nome fictício de Nelson e oriundo do Estado do Espírito Santo, logo Nelson + Capixaba = Nelson Capixaba. Nas entrelinhas dos jornais, e nas bocas malditas dos alcaguetes, se dizia que eu estava sendo procurado vivo ou morto pela polícia. Qualificado como um bandido perigoso, enfim, vesti a máscara e passei a ser perigoso, passei a andar “no vale da sombra da morte”, vi a morte de perto diversas vezes, vi amigos morrerem em confrontos e soube de outros que morreram nas mãos da polícia sob tortura. Ao me recordar dos caminhos que me levaram a ser qualificado como perigoso, divido minha história em a.c/d.c (antes do cárcere e depois do cárcere):

3 ANTES DO CÁRCERE

Antes de minha primeira prisão, eu só usava a violência em casos de extrema necessidade, tomando emprestado o discurso da polícia para justificar seus abusos, eu diria que “fazia o uso progressivo da força”. Em meus tempos de ladrão, felizmente nunca precisei derramar sangue. Nos assaltos praticados eu usava uma estratégia para evitar conflitos com a polícia, (ainda estava na aeronáutica), fazia os assaltos, vestindo casacos grandes que escondiam a farda de passeio que usava por baixo; e ao sair do local, eu tirava o casaco e colocava a cobertura (boina) na cabeça, e me transformava em um “respeitável” cabo da aeronáutica, indo ou vindo do quartel. E devo dizer que eu e meus parceiros acreditávamos que esse estratagema funcionava tão bem quanto os óculos do Clark Kent. E apesar das lições recebidas dentro e fora do quartel, esse foi um período no qual nunca precisei ser violento. Porém, por questões ideológicas e práticas resolvi pedir baixa, e como diz o ditado, uma hora a casa cai.

3.1 depois do cárcere

Em 1986 fui preso e ao sair quatro anos depois, não tive oportunidade de sair do crime, foi nesse período que se deu o endurecimento de meu coração, após o ritual de tortura que sofri na delegacia de um famoso delegado torturador e das porradas, e das pauladas e barradas de ferro que levei em cada tentativa de fuga, as humilhações, os maus tratos e outras violências, que me levaram a colocar em pratica lições que aprendi no quartel e com outros bandidos que conheci em minha jornada no mundo do crime, entre os quais, um ex-soldado paraquedista do exército, muito experiente na vida bandida, que me ensinou algumas “normas de conduta dos ladrões”, entre elas, dar tiros somente quando muito necessário, ou seja “endurecer , sem perder a ternura”.

Em 1989, voltei a ser preso e encaminhado para a 33ª delegacia de Realengo, da qual fugi poucos meses depois e foi a partir dessa fuga que fiquei conhecido e comecei a fazer jus a “minha fama de mau”, mas ao contrário de Erasmo Carlos e Raul Seixas, eu não era um garoto que amava os Beatles e os Rolling Stones, e quando se fez necessário eu toquei um instrumento que dava sempre a mesma nota: ra-tá-tá-tá.

3.2 educação de um bandido

(ou aos mestres com algum carinho)

O meu amigo ex-paraquedista, tinha “uma guerra particular” com alguns policiais que comandavam um grupo de extermínio da baixada e haviam matado seu irmão. Ele me contou que quando perceberam a chegada deles, a casa já estava cercada, começaram a trocar tiros, mas sabiam que tinham que sair logo dali, antes que eles colocassem fogo na casa; sabiam que se ficassem ali iriam morrer com certeza, então combinaram de tentar abrir caminho à bala; e se um deles fosse baleado tinha que ser deixado para trás, se não iriam morrer os dois, se alguém sobrevivesse assumiria a responsabilidade da família. E assim fizeram e como ele sobreviveu, resolveu vingar a morte do irmão e junto com um primo que era seu parceiro nessa guerra, já haviam matado três desses policiais.

Uma vez, estávamos planejando um assalto e sugeri a ele que chamássemos seu primo, ele disse que não, pois seu primo era um assassino, não um ladrão, e seria muito provável que ele matasse a vítima sem que a vítima reagisse, pois ele gostava de matar. Em resumo ele me disse que da mesma maneira que ele não chamava o primo dele para roubar, ele não me chamaria para matar, pois eu era um ladrão, não um assassino, mas me preveniu que diferente dos ladrões comuns, que roubam desarmados nós éramos assaltantes; e às vezes um assaltante poderia precisar matar para não morrer e eu deveria começar a me preparar psicologicamente para isso, pois na vida do crime haveria de chegar a hora que eu teria que matar alguém, para me defender ou por disputa de poder, dinheiro, território ou por outra questão e quando esse momento chegasse, uma fração de segundos de hesitação e eu poderia perder a vida.

3.3 polícia ou bandido

Enfim, algum tempo depois fomos até a casa de um amigo dele e durante uma conversa no qual os dois fumaram um baseado; abro aqui um parêntese para dizer que, minha experiência com a maconha, sempre foi recreativa e em ocasiões muito especiais, o outro motivo pelo qual não fumei com eles, foi porque aprendi com outros bandidos, que durante o “trabalho” não se deve fazer uso de álcool, drogas ou qualquer substância que possa vir a alterar a percepção. Dito isso, durante a conversa que seguiu, fiquei sabendo que o cara era um policial militar, que iria facilitar um assalto ao banco BANERJ, o qual por ser do estado ficava a cargo da polícia militar fazer a segurança. Mas o que me chamou atenção foi o clima de camaradagem que havia entre os dois, pois eu achava

que esse parceiro não gostava de policiais. Na volta, perguntei sobre seu ódio contra policiais e ele me disse, mais ou menos isso: – Não tenho ódio contra a polícia! Só atiro neles quando necessário. Quando eu dei baixa do exército eu queria entrar para a polícia, mas não consegui passar na prova, por que tenho pouco estudo, estava desempregado e com responsabilidade com os filhos, então resolvi entrar para o crime, junto com meu irmão. Não matei os caras porque eram policiais, mas por que mataram meu irmão e um monte de gente na baixada... eles eram mais bandidos do que eu... o policial é um profissional que tem a missão de prender ou matar os bandidos; e nós somos os bandidos que eles foram treinados a matar ou prender... nosso objetivo é assaltar e não ser morto ou preso pela polícia, portanto temos que agir antes da polícia chegar; e se a polícia chegar, tem que dar tiro primeiro, pois dentro da farda, tem um homem que também tem medo de morrer e enquanto eles estiverem desmorteados, temos que sair do local em alta velocidade, para fugir do cerco e na primeira oportunidade abandonar o carro e entrar num shopping, loja, restaurante ou qualquer lugar onde puder ficar até a poeira abaixar. Se alguém morrer nesse conflito, são ossos do ofício...

Hoje concordo com ele em algumas questões e discordo em outras, em geral a maioria dos bandidos não têm ódio contra a polícia, tanto é que frequentemente eu vejo policiais dormindo dentro da viatura estacionada na entrada de uma favela, mas a maior parte da polícia e da população odeia os bandidos.

3.4 cara de empresário

Aqueles que viam meu outro mestre no crime e não o conheciam, achavam que ele era empresário, pois tinha uma casa de praia, um bom carro, uma boa moto, cordão de ouro, andava bem vestido e com dinheiro no bolso e era branco de pele rosada. Entre nós, era o cara que fazia sucesso com as mulheres, as festas em sua casa eram memoráveis, churrasco e bebidas a vontade; e embora ele não bebesse e fizesse uso de drogas, não faltava cocaína “caspa de anjo” e maconha da boa.

3.5 a cazar o que é de cazar

Enfim, como me propus a escrever esse trabalho, quebrando algumas regras não posso deixar de falar do Cezar, meu primeiro parceiro no crime, pois nós tínhamos uma relação de amizade que ia além da vida do crime, nos conhecemos numa enfermaria do Hospital da Aeronáutica, no qual ambos estávamos nos tratando de úlceras duodenais,

formamos uma amizade, na qual, vez em quando eu dormia na casa dele, me relacionando fraternalmente com sua mãe, irmãs e irmão. Foi com esse antigo soldado da aeronáutica, que eu roubei pela primeira vez e vi de perto o crime organizado operando, pois desde pequeno ele era conhecido de parte dessa cúpula que morava no mesmo bairro em Bangu; e ao crescer passou a beber com eles num bar, onde entre outros, se reuniam: o maior bicheiro da cidade (e seus capangas), policiais, políticos, advogados e vez em quando o Juiz e o promotor da comarca.

Os grandes negócios que envolviam a cúpula, (os políticos e o judiciário) eram tratados em particular, porém a compra e venda de drogas, armas, roubo de cargas e carros, eram tratados entre um gole de cerveja e uma carreira de pó. Foi assim que passamos a roubar carros e posteriormente abrimos uma oficina clandestina para receptação, desmanche e venda de carros, nosso negócio estava prosperando tanto que fomos extorquidos por alguns policiais, o que nos fez suspeitar que algum dos “amigos” do bar, havia nos delatado e assim percebemos que não poderíamos continuar a frequentar esse bairro e transferimos nosso negócio para outro bairro e assim conhecemos outros bandidos, entre os quais, os dois parceiros que foram nossos mestres nos assaltos e assim vivemos os melhores tempos de nossa vida no crime.

Sempre que possível saíamos juntos para curtir, mas na vida particular cada um tinha o seu passatempo o meu era ir aos domingos no aeroclube de Nova Iguaçu, saltar de paraquedas, o com cara de empresário, fazer festinhas com as mulheres, o ex-paraquedista, cuidar da família e cheirar pó; o Cezar virou o rei dos camarotes e rodava os puteiros e as boates da prado Júnior, em Copacabana, volta e meia se metia em confusões memoráveis: uma vez brigou com os seguranças do Bangu Atlético clube, outra vez tomou a arma e deu várias coronhadas de pistola num cara que quebrou uma garrafa de cerveja na cabeça de uma puta, sua amiga, numa boate da Prado Junior. A mais memorável foi na boate Califórnia, um antigo puteiro na praça Mauá, essa virou capa de jornal: “Troca de tiros entre dois policiais e um cliente”, eu não ouvi a versão dos policiais, mas o meu amigo me disse que eles desrespeitaram a puta que estava com ele.

Enfim para não prolongar muita essa narrativa, um dia nossos dois mestres tiveram uma grande discursão após a qual, o “cara de empresário” me disse: Teixeira - esse era o meu nome de guerra no quartel – sei que você nunca matou ninguém e não vou te envolver no problema, o bagulho é entre eu e ele, eu não gosto disso, mas vou ter que

mata-lo, pois sei que se eu der mole ele vai me matar, vou chamar um amigo pra me dar o bonde e vou na direção dele, enfim poucas horas depois, o “cara de empresário”, foi morto quando pilotava sua moto a caminho de casa. O desenlace desse conflito mostrou que o ex-paraquedista tinha razão, em caso de necessidade, não hesite, aja rápido ou é você que morre.

3.6 chumbo trocado não dói

Após duas passagens pelo sistema penal e com o aumento das penas para os crimes de sequestro, eu me tornei um cara audacioso, e em algumas ocasiões tive que dar tiros ou trocar tiros com a polícia, pois “chumbo trocado não dói”, em mim nunca doeu, porque nas trocas que eu tive nunca me acertaram. Enfim sempre evitamos o confronto, mas quando se fez necessário abrimos caminho a bala, ou melhor, não deixámos a polícia chegar perto do caminho que escolhemos para efetuar nossa fuga, pois em cada assalto sempre um de nós ficava do lado de fora fazendo a contenção, para caso necessário, dar tiros para não deixar a polícia chegar; essa era uma forma de agir de diversas quadrilhas que assaltavam bancos naquela época; era nossa forma de dizer: O abre alas que o bonde vai passar, e a polícia abria; e não avançava enquanto não chegasse reforço. Enfim, que eu saiba, em uma ocasião houve feridos, mas nunca morreu ninguém nesses confrontos. Mas não vou aqui dizer que tenho as mãos limpas, por que infelizmente já derramei sangue, porém o fiz num momento que me senti ameaçado, não o fiz por prazer como me acusou um dos delegados mais sanguinários da polícia carioca, que era o chefe da divisão antissequestros, que naquela época sequestravam e matavam mais que os bandidos, o que resultou na morte de um empresário que estava em cativeiro e de Jorge Carelli, um inocente que morreu por engano sobre tortura:

3.7 a morte accidental de jorge carelli

Jorge Carelli, foi um funcionário da Fundação Oswaldo Cruz, que em 1993, foi preso arbitrariamente, torturado e morto por policiais da delegacia antissequestro do Rio de Janeiro. Seria uma morte como tantas outras praticadas por aqueles policiais, se o fato não tivesse sido testemunhado por Maria dos Prazeres, uma velha senhora que se encontrava presa naquela delegacia e teve a coragem de prestar depoimento fornecendo provas da presença de Carelli naquela delegacia. Diante dos fatos, a polícia negou a morte e disse que Jorge Carelli, saiu pela porta da frente, após prestar depoimento. Dias depois,

policiais invadiram a casa de Maria dos prazeres e como represália, estupraram sua neta, uma jovem de quatorze anos de idade.

– Para que ninguém pense que essas barbaridades só são cometidas em nosso país convém lembrar que fato semelhante aconteceu na Itália:

3.8 a morte acidental de um anarquista

Em 1969 Giuseppe Pinelli, um anarquista Italiano, foi preso e morto sob tortura, após o fato os policiais jogaram o corpo pela janela da delegacia e alegaram que a morte foi acidental. Dario Fo escreveu sua famosa peça denunciando o fato e em represália, os policiais sequestraram e estupraram sua esposa, a atriz Franca Rame.

4 MONSTRO

Aquele que luta com monstros deve acautelar-se para não se tornar também um monstro. E se olhares durante muito tempo para um abismo, o abismo também olha para dentro de ti (NIETZSCHE, 1978, p. 345).

Ao ser preso o “Nelson Capixaba” foi chamado de ‘monstro’ por uma repórter policial, ao lado do famoso delegado torturador, que desde o tempo da ditadura militar esteve envolvido em torturas, execuções e desaparecimentos forçados. Hoje, causa-me estranheza, uma veterana repórter policial, ter me qualificado de “monstro”, (por uma ação isolada), ao lado de um famoso membro do esquadrão da morte, que durante toda sua carreira vitimou “culpados” e inocentes, como Jorge Carelli, funcionário da Fiocruz, que foi preso e assassinado sob tortura pela sua equipe, que teve vinte e dois policiais atuados e a pesar de todas as provas foram absolvidos, pois a polícia disse que Carelli, cujo corpo nunca foi encontrado, foi liberado após ser constatado o engano. Quanto ao delegado? Negou a prática de torturas em sua delegacia, como fez o delegado Cunha de “o beijo no asfalto” de Nelson Rodrigues:

– Mentira, sim, senhor! Mentira! **Eu não dei** um chute na barriga da mulher! Mentira sua! É mentira! **Dei um tapa!** Um tabefe! Assim... (faz gesto com a mão) ela abortou não sei por que, azar, agora o que eu não admito, fica sabendo, é que venham dizer que há tortura em minha delegacia!!!

Quando recordei essas coisas, não sabia como continuar a narrativa, por isso pensei: “vou deitar a cabeça no travesseiro e ficar olhando para a tela em branco do computador, na esperança de ter uma inspiração, como fiz algumas vezes quando pintava quadro a óleos na prisão”, pensar em pintura fez com que em dois minutos me lembrasse da imagem de “A face da guerra”, de Salvador Dali: “A face da guerra representa o terror que se multiplica infinitamente, onde cada cavidade ocular e a própria boca contêm novos rostos idênticos, sugerindo uma sucessão eterna de morte”.

Logo entendi que essa imagem me veio por associação ao fato de acabar de falar do delegado torturador e fundador do esquadrão da morte, cujo símbolo é a caveira atravessada com a faca, que não por acaso, (junto com a imagem da águia) é o símbolo das tropas de elite, cuja existência não nos deixa esquecer, que como definem os

antropólogos, “o homem é um animal rapace e predador”, mas ao contrário dos outros animais é o único que tortura.



Foto 7 – A face da guerra, Salvador Dali. Fonte: AH aventuras na História

4.1 rapace e predador

Enquanto estive em Bangu 1, eu li um livro no qual etólogos e antropólogos afirmavam, que o homem é um animal rapace e predador, e se age assim por instinto, estaremos condenados a nos matar até o último homem, essa afirmação se fez presente em “Nem com uma flor” um vídeo da peça na qual falamos sobre feminicídio e violência contra a mulher:..

Larissa – A causa dessa violência é instintiva ou cultural?

Sodré – (panorâmica mostrando a favela ao fundo) O instinto faz com que as abelhas estejam aí, há milhões de anos fazendo a colmeia da mesma maneira, da mesma forma há milhões de anos a formiga faz o formigueiro. (Cenas de caçadores em helicópteros matando javalis) E o homem da mesma forma, a milhões de anos caça e faz guerras...

*Adriano – (Olhando para a favela do jacarezinho) no dia 6 de maio de 2021, quando ouvi o barulho de helicópteros eu não imaginava que estava testemunhando o início de uma caçada, em que mais de vinte seres humanos seriam mortos como se **fossem** javalis...*



Foto 8 – Javalis mortos. Fonte: Tribuna Centro Oeste notícias.

Rebeka – (cenas de guerras, operações policiais). Se a causa de tudo isso for o instinto, o homem está condenado a se matar até o último homem.

Larissa – (cenas de alunos nas escolas e universidades e em atividades culturais). Mas se for cultural; a mudança está em nossas mãos e nossa arma é a educação, pois a educação muda o homem e o homem muda o mundo! (cenas dos vídeos das festas e atividades que promovemos na favela) (SODRÉ, 2020, não publicado)

4.2 fogo

Na penitenciária Bangu I, como já foi dito, o Nelson Capixaba, por muito pouco não se tornou no “monstro”, criado pela imprensa. Mas, por razões que a razão desconhece, quem saiu vencedor nesse conflito, foi o Edson, que de volta ao seu verdadeiro eu, retirou aquela máscara macabra e devolveu para as sombras aquele “monstro”, que esteve perto de queimar vivo o “Morte”.

Hoje vejo que minha maior vitória foi derrotar em mim, essa pecha de “bandido perigoso” que a imprensa quis me impor. Como já falei, estive muito perto de cometer um ato de barbárie, pensei o ato, iniciei o ato, e em uma fração de segundos, mudei de ideia; e ao contrário de Raskolnikov, resolvi não seguir adiante no meu plano assassino.

Foi assim que o Nelson Capixaba deixou de existir. Haverá aqueles que dirão que eu ia praticar um ato covarde! Concordo com isso e talvez esse seja um dos motivos pelos quais eu não consumiei o ato, mas o fato, é que o jovem “Morte”, que já dera motivos para merecer esse apelido, estava dizendo que tinha duas facas com as quais iria me matar, então agi como me ensinou meu antigo parceiro paraquedista, ao ver que o combate era inevitável, aproveitei as vantagens que tinha, entretanto no último momento, por razões que a razão desconhece, o Edson, o menino que teve uma infância com bons amigos e uma família, que me ensinara valores que foram responsáveis por construir a minha essência, pulou na frente e se recusou a ultrapassar a tênue linha que o tornaria definitivamente em um “monstro”.

4.3 assim nascem os monstros

Acaba de me ocorrer que o monstro no qual eu quase me tornei, talvez tenha começado a ser formado, nos seis anos que passei no serviço militar, no período final da ditadura, durante a qual éramos treinados como cães e doutrinados a odiar subversivos, e como resultado desse treinamento crescia em nós a vontade de ir para rua matar. É preciso dizer que desde a República de Platão os guardiões são treinados como cães,

Ora, parece-me que o nosso guardião precisa ter, além da coragem, a natureza de um cão de raça: ser o mais manso possível para com os conhecidos e o oposto para com os desconhecidos (PLATÃO, 1972, p. 75).

Essa é uma vivência que tive quando prestei serviço militar e que narro em “O Mundo Cão” a peça de auto ficção que é parte desse TCC, cujo trecho a seguir a compõe:

(Marcha, bate continência e executa movimentos típicos dos militares). Em 1980, eu me alistei na força aérea brasileira. Durante o treinamento fomos treinados como cães!!! *(Usar o corpo de um cachorro feroz para expressar a violência dos militares)*, no final, nosso sonho era ir para a rua matar manifestantes e subversivos... *(corre ao som do áudio da canção militar “ao descer da embarcação”) – (bate continência)* – Em seu livro a República, Platão disse que os guerreiros devem ser treinados como cães. *(Marcha, bate continência)* – Segundo alguns caçadores, Cães de caça, devem ser ensinados a morder o pescoço e gostar do gosto de sangue. *(Marcha, bate continência)* – Georges Bataille, disse que quando se derrama sangue pela primeira vez, fica mais fácil derramar a segunda, a terceira, a quarta e todas as demais.

Bataille (2013) argumenta que a primeira transgressão é a mais difícil, pois uma vez que o indivíduo atravessa o limite da interdição, a violência tende a se tornar um fluxo contínuo e menos oneroso à consciência” (Coloca uma cadeira no centro do palco, senta-se)

QUADRO MOTORISTA DO UBER (Interior de um Uber, o rádio falando da operação policial no morro do alemão)

– Porra, os caras são brabos! (pausa). Eu também passei pelo treinamento e o bagulho é doido. Você pega a galinha, rasga o pescoço com os dentes e bebe o sangue. Aprende a se infiltrar no território inimigo, sequestrar, fazer interrogatórios e matar com a faca. Desaparecer com o corpo é fácil, você corta em pedaços e joga numa banheirinha cheia de ácido e pronto. O corpo se transforma em lama. Aí você joga tudo no Rio e missão cumprida. (olha pra plateia) Você vai ficar aí panguando com o celular na mão? Melhor fechar a janela! Os bandidos ficam escondidos no meio do mato e jogam coisas na pista.

(fica de frente para a plateia) Quando ele mandou eu fechar a janela, eu fiquei imaginando um monte de ladrões bloqueando a pista, virando o carro de rodas pra cima e tocando o terror. E a viagem prosseguiu com o noticiário policial no rádio, me fazendo esquecer as guerras, o caso epstein, a corrupção do banco Master, do INSS, os golpes, as tentativas de golpes, as rachadinhas do Flávio, o novo Power point da Globo e outras centenas de falcatriuas cometidas pelos mais ricos. E o noticiário prosseguiu tentando me convencer que os maiores bandidos da humanidade, são os ladrões de celulares... (SODRÉ, 2026. Não Publicado)

O trecho a seguir foi escrito em um momento, no qual achei que a declaração do meu término de pena seria efetivada, mas pela ambiguidade na interpretação das leis ainda está em análise, porém sigo com esperança.

Como estamos num país democrático, espero que no dia quinze de maio de 2024, o Nelson Capixaba, que há muito deixou de existir em mim, também venha a deixar de existir para a sociedade, pois já cumpriu “os trinta anos”, o total máximo de sua pena a ser cumprido! O pedido para que o Juiz despache a declaração de fim de pena já foi feito, espero que essa tramitação seja feita o mais breve possível, estou ansioso, tentando me abstrair de pensar em coisas que eu não posso mudar, entretanto como diz a oração da serenidade: é difícil saber a diferença entre o que pode ou não pode ser mudado.

5.1 nasce o sodré

Eu não sou o que me aconteceu, eu sou o que escolho me tornar
(JUNG, 2006)

Se naquele conflito com “o morte”, eu tivesse seguido o plano do Capixaba, eu teria ultrapassado a fronteira entre o humano e a besta fera, aquele momento psicológico tão bem descrito por Dostoiévski em “Crime e castigo”, porém quem gritou mais alto foi o Edson, iniciando assim o meu processo de mudança e assim eu voltei a minha essência, pois pelas influências que tive em minha juventude, não poderia deixar que o “Nelson Capixaba” tomasse para sempre o meu corpo e minha mente.

Se eu fosse um desses inúmeros pastores que vivem dando falsos testemunhos por aí, eu narraria esse instante como o momento no qual fui escolhido por Deus para trabalhar em sua obra e passaria a ser mais um estelionatário, a enriquecer explorando a fé do povo, esse crime perfeito no qual você não precisa temer o tribunal terreno nem o divino.

O fato é que foi naquele conflito que o Edson venceu o Capixaba, e como passei a vibrar em outra sintonia, logo fui transferido para “o paraíso do inferno” onde conheci o teatro e iniciei o processo no qual o Edson que esteve próximo de se tornar um monstro, está se tornando no “Sodré”, mas quem é esse Sodré? Creio que esse não é o momento de eu falar de mim, pois estou em processo de vivenciar a dor do fim do grupo teatral Kriadakí e do meu afastamento da ONG que ajudei a fundar com outro amigo, confesso

que há em mim dois impulsos antagônicos, um tem vontade de falar, outro prefere ficar calado, entretanto lembrando de que o que diferencia um animal de um homem; é nossa capacidade de controlar nossos impulsos; sempre que eu me sentir injustiçado pensarei na máxima de Sócrates no diálogo *Górgias*, de Platão “é melhor sofrer injustiça do que cometê-la” e feita essa reflexão, optarei sempre em agir de maneira a continuar sendo digno dos amigos que venho conquistando. “No diálogo com Polo, Sócrates afirma que cometer injustiça é o maior dos males, sendo, portanto, preferível sofrê-la (*Górgias*, 469c)”.

E assim seguirei meu caminho, procurando esquecer as coisas negativas e seguindo em frente, acreditando que dias melhores virão, pois tudo o que vivi me faz acreditar que: Quando você está com o coração puro e age de acordo com as leis do universo, ele conspira e torna real, sonhos que você nem ousou sonhar. E foi assim que o tímido Edson derrotou o Nelson Capixaba e começou a se tornar o Sodré, que saiu “das trevas da cadeia, para as luzes da ribalta”.

5.2 nelson rodrigues

Como por um tempo, usei o nome de Nelson, resolvi falar de Nelson Rodrigues, pois na prisão fizemos a leitura de “O beijo no asfalto” e durante a minha graduação, eu fiz um laboratório de encenação, com o professor Moacir Chaves, durante o qual lemos e conversamos sobre diversas peças de Nelson Rodrigues, com ênfase em “o beijo no asfalto”, ao final fizemos uma pequena cena, a partir do diálogo entre o delegado Cunha, o Repórter Amado Batista e o detetive Aruba, a qual segundo consta foi inspirada em casos de torturas que Nelson Rodrigues presenciou enquanto repórter policial.

Essas cenas ocorridas em diversos centros de torturas, guardadas as devidas proporções, continuam a acontecer nas delegacias, penitenciárias e salas clandestinas de nossas forças de segurança, me inspiraram a escrever uma versão que foi apresentada em “Nem com uma flor” uma de minhas peças, na qual falo da tortura e maus tratos nas prisões femininas de nosso país:



Foto 9 – Cena de Nem com uma Flor. Fonte: acervo pessoal

(Sala de interrogatório. Foco de luz numa mão segurando uma flor. A luz se amplia iluminando a cena: delegado sentado segurando a flor, detetive em pé e uma mulher sentada em uma cadeira com as mãos algemadas)

Detetive – (em pé). Onde está seu marido?

Mulher – (sentada com as mãos algemadas). Não sei.

Detetive – É melhor dizer a verdade.... Não se deve mentir para a polícia!

Mulher – Meu marido saiu de casa de manhã e...

Detetive – (aumenta o tom). É melhor dizer onde ele está ou...

Delegado – (Amável). Calma aí! Não é assim que se trata uma mulher! (Cheira a flor, levanta-se e fala macio). Fica tranquila! Sei que foi seu marido que envolveu você nessa enrascada! (Para o detetive) – Traz um copo de água para ela se acalmar! (Educado puxa a cadeira para mais perto dela, senta e lhe sorri). Se acalma menina...

Detetive – (entrega a água)

Delegado – (cheira a flor). Tenho uma filha da sua idade... aqui você será tratada de acordo com as regras...

Mulher – Obrigada! (Bebe)

Delegado – Quer ligar para um advogado?

Mulher – Não tenho advogado!

Delegado – Depois iremos chamar um defensor público para você! Como já disse: aqui você será tratada de acordo com as regras! (Cheira a flor) – Você deve estar com fome! Quer umas bolachas?

Mulher – Não!

Delegado – Umas torradas?

Mulher – Não!

Delegado – Não se acanhe menina! (Cheira a flor) – Quer ligar para a família?

Mulher – Quero!

Delegado – (para o detetive) Dá “o telefone!”

Detetive – (com as duas mãos dá-lhe um violento tapa nos ouvidos)

Mulher – Aiiiiiii

Delegado – (cheira a flor). Onde está o seu marido?

Mulher – Não sei...

Delegado – Vamos refrescar a sua memória! (Acena para o detetive)

Detetive – (coloca um saco preto na cabeça da mulher que agoniza)

Delegado – (gesticula e o detetive retira o saco). Lembrou agora?! (gritando). Onde está aquele viado?

Mulher – (Chorando). Não sei...

Delegado – (guarda a flor e pega a máquina de choques e grita furioso). Onde é o cafôfo das armas? (A luz apaga e ouve-se o som e a luz azulada característica de um curto circuito e gritos da mulher)

Mulher – Não sei... – Não sei...

*Delegado – (volta a luz). Olha aqui, minha senhora, (delegado segurando um rato pelo rabo) quando eu terminar esse interrogatório você vai me dizer até onde o capeta esconde o tridente! (Apaga a luz). – **Tira a roupa!!!***

Voz em off – Vocês não ficariam confortáveis com as torturas que veriam, mas elas sempre existiram e delas nem Jesus Cristo

escapou! E aparentemente seu sacrifício foi em vão, pois os vendilhões dos templos continuam por aí fazendo as igrejas de mercado, enquanto o falso messias veio a público dizer que é a favor da tortura! (SODRÉ, 2020. Não Publicado)

Na peça fizemos essa “desagradável” cena de tortura, na qual uma mulher foi torturada por causa de uma pequena quantidade de maconha pertencente ao marido, com o objetivo de falar do absurdo que é um regime democrático permitir que tais práticas continuem a acontecer, num sistema no qual grande parte está condenada por causa de uma planta consumida até mesmo por policiais, como mostra a seguinte paródia:

Eu dei um tapa!!! Um tapinha... assim... o baseado morreu. não sei por que, azar... agora o que eu não admito. o que eu não admito. Fica sabendo. é que venham dizer que eu sou um mão de cola. Um palestrinha. um delegado palestrinha. que fica palestrando com o baseado preso na mão...

Enfim por falar desse assunto eu corro o risco de ficar tachado de “maconhista”, mas vivendo num mundo no qual o comércio da maconha e seus derivados se tornou um negócio legal que gera bilhões em receita, falar de maconha e dos amigos “maconhistas” durante essa monografia, foi apenas um pretexto para falar dessa aberração jurídica, que permite que em diversos países, haja homens e mulheres pretas e pobres, sendo mortas, presas ou torturadas, por causa dessa planta, que legalmente ou ilegalmente, é consumida até mesmo por policiais.

5.3 diário de um ladrão ou tcc

Para quem achar que minha monografia está parecendo mais com o “diário de um ladrão” do que um trabalho de conclusão de curso de licenciatura em teatro, julgo necessário dizer, que pretendo ser professor de pessoas que estão, estiveram ou correm o risco de serem presas e creio que sendo eu alguém que ainda está cumprindo pena, minhas experiências nas prisões, e os conhecimentos adquiridos na graduação e os que pretendo continuar adquirindo na ETP e em outras fontes, farão com que eu seja um bom professor para eles e melhor autor para os leitores, é por esse motivo, que em meu fluxo narrativo faço muitas citações a autores que li durante a minha Jornada na prisão, cito os que já escreveram livros ou peças de teatro enquanto estiveram presos e os que não estiveram presos, mas escreveram sobre cadeia. Enfim, de uma forma instintiva alguns desses

autores sempre aparecem em meus textos, como “Dois neurônios numa mente suja”, uma licença poética a partir de “Dois perdidos numa noite suja” de Plínio Marcos...

AUTOR – (levanta-se) – Para!

TONHO – Obá! – (indo até o Criador) – Se vamos fazer teatro fórum, quero fazer o Curinga!

CAROCINHO – (com veemência) – Nada disso! – Quem vai fazer o curinga sou eu! (Tonho e Carocinho entram em clima de disputa)

TONHO – Você não está preparado! – Deixa que eu faço!

CAROCINHO – Não deixo não! (Reclama para o Negão) – O cara não quer assaltar, nem sequestrar, nem traficar e quer fazer o curinga!? (Com atitude) – Quem tem que fazer o “Curinga” sou eu que sou bandido!

NEGÃO – (apoiando carocinho) – É isso mesmo! Com esse papo de mocinho, ele tem que fazer é o Batman! – (com trejeito e insinuação preconceituosa) – Ou o Robin!

TONHO – (ergue os braços) – Ahh! Minha Santa Joana, dos matadouros da JBS! – (para os dois) – Já percebi que vocês não leram o Boal!

AUTOR – Para! Já disse! – (caminhando até Tonho) – Isso aqui não é teatro fórum! – Quando eu falar para! É para parar... e ficar calados também! – (para a plateia) – São essas discussões que mostram a utilidade do nosso grupo de teatro! Pois onde há mais opressão do que no sistema penitenciário? – É lá que está o efeito de uma escravidão perversa e mal resolvida e é para lá que se deve levar um pouco de humanidade! (Muda o tom) – Em nosso teatro faremos ecoar as palavras do médico russo, que disse em uma de suas obras: – “É preciso aplicar um método de investigação científica, ao estudo da condição desumana, a que estão submetidos os encarcerados e fazer um diagnóstico expresso com palavras precisas, que exponham a realidade em seus pormenores e divulgá-los a fim de que a opinião pública saiba em que barbaridade ela é cúmplice”.

CAROCINHO – Não sabia que o Dráuzio Varella era russo!

CRIADOR – Não é! – Quem disse isso há mais de cem anos, foi o médico e dramaturgo russo Anton Tchecov!

CAROCINHO – Há mais de cem anos? Isso mostra que palavras não promovem mudanças: em todos os países e em todas as épocas, as opções que a burguesia dá aos pobres, são sempre as mesmas: escravidão, trabalho mal remunerado, virar camelô,

mendigo ou cometer crimes para ser preso, torturado ou morto!
(SODRÉ, 2018. Não Publicado)

5.4 às vezes no silêncio da noite

"Não quero que ninguém ignore meus gritos de dor e quero que eles sejam ouvidos"
(ARTAUD, 2006).

“Às vezes no silêncio da noite”, eu ouvia Caetano Veloso e outros nomes da MPB, cantando as músicas que embalavam o meu sono. Às vezes, o silêncio da noite era quebrado por gritos de dor ecoando pela madrugada, eram gritos terríveis, vindos do Hospital Penitenciário que ficava ao lado. Um amigo que trabalhava lá como faxina me disse que aqueles gritos, eram de pacientes com câncer ou outras infecções dolorosas, clamando por morfina e outros medicamentos, que estavam em falta, pois eram roubados pelos responsáveis. Enfim, esse amigo me descreveu cenas de maus tratos, descaso e desvio de medicamentos, roupas e tudo o que tivesse valor; enfim uma cópia piorada do hospital descrito por Dostoiévski em “a recordação da casa dos mortos”. Dostoiévski (1971) descreve o hospital da prisão não apenas como um centro de tratamento, mas como um palco de horrores onde as marcas dos castigos corporais (as feridas das chicotadas) eram tratadas em condições de higiene precárias e sob um silêncio opressor.

5.5 às vezes durante o dia

Às vezes eu também ouvia gritos durante “o barulho do dia”, ouvia e via, pois as grades de minha cela ficavam para o lado do pátio de banho de sol do Presídio Hélio Gomes, esse pátio também era usado para os rituais de torturas que aconteciam sempre que havia fugas ou qualquer ato que incomodasse os guardas. Eram gritos diferentes: Os do hospital recorrentemente eram gritos seguidos de súplicas, para que Deus lhes desse a morte como alívio.

Os vindos do pátio, eram gritos originados por torturas e espancamentos, seguidos dos xingamentos e risadas dos guardas que os espancavam. Um espetáculo Dantesco, que Michel Foucault, descreveu em Vigiar e punir; e desde tempos "Imemoriais" vêm sendo praticados pela humanidade; antes em praça pública, hoje entre os muros do sistema repressivo; com a cumplicidade de conservadores “e progressistas” que optam pela indiferença, diante dessas barbaridades denunciadas em obras de Michel Foucault, Dostoiévski, Vitor Hugo e muitos outros.

Durante um desses “espetáculos” um preso, completamente nu e algemado nas grades, era espancado nas costas e nas nádegas; e para cada grito de dor, se ouvia ecoar um coro de gargalhadas.

Como uma imagem fala mais do que as palavras, faço uso da imagem do quadro de Jean Debret, para melhor me expressar.

"Na gravura 'Aplicação do Castigo do Açoite', Debret (1834) expõe a institucionalização da violência colonial, onde o carrasco, muitas vezes outro escravizado, executa a pena sob a vigilância de autoridades brancas."

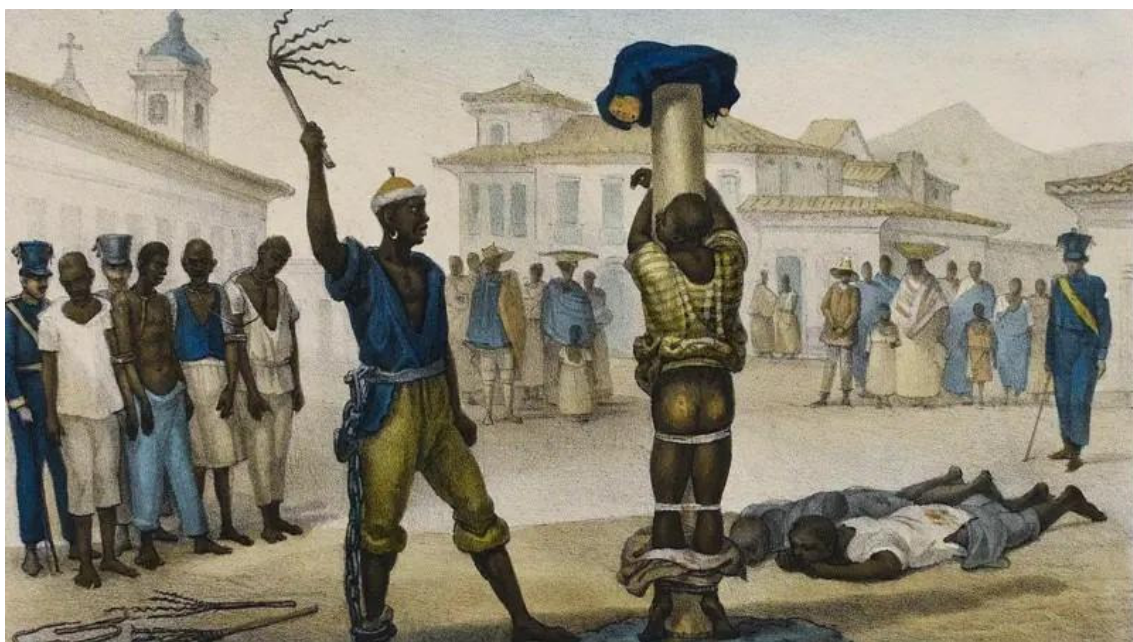


Foto 10 Aplicação do Castigo do Açoite, de Jean Debret, Fonte: Folha de São Paulo

Encerro esse capítulo na esperança de que um dia essas práticas hediondas serão abolidas e tomo emprestado um verso de Castro Alves, que irá criticar melhor as cenas que eu presenciei:

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...

5.6 o efeito lúcher

Num país em que o nome de um torturador, foi evocado ao se pedir o impeachment de uma mulher vítima de tortura; e no qual grande parte da população apoia as políticas de torturas nas prisões, haverá até pessoas “progressistas” dizendo que estou exagerando em meus relatos. Para esses eu sugiro que leiam “O efeito Lúcher” de Philip Zimbardo¹³, baseada em sua pesquisa científica na Universidade de Stanford nos Estados Unidos, na qual ele tenta entender por quais motivos pessoas boas ao se tornarem guardas penitenciários, agredem e torturam os prisioneiros. Esse é um livro que deveria ser leitura obrigatória a todos os que de alguma forma trabalham com direito e segurança pública ou privada.

5.7 do tcc ao thc

Por mim eu encerrava esse trabalho por aqui e ia para algum lugar tomar uma cerveja e fumar unzinho com os amigos “maconhistas”, mas como escolhi viver em sociedade, preciso seguir as normas estabelecidas, até que, como disse Nietzsche, as tábuas das leis sejam quebradas e outras sejam estabelecidas, portanto se escolhi me graduar, tenho que seguir as normas da academia. Mas fica aqui uma reflexão para os amigos mais “cabeçudos”: em um curso de licenciatura feito numa escola de teatro é possível escrever um TCC, que transgrida as normas e contribua para o aprimoramento da qualificação?

¹³O Experimento da Prisão de Stanford, envolveu alunos voluntários que concordaram em participar, nos papéis de guardas e prisioneiros em uma prisão simulada. Foi realizado em 1971 por uma equipe de pesquisadores liderada pelo professor Philip Zimbardo, da Universidade Stanford. Os resultados inesperados foram tão dramáticos que o experimento teve que ser interrompido antes de sua conclusão.

6 FUGA

De repente você resolve fugir / Não sabe para onde nem como nem por quê / (No fundo você sabe, a razão de fugir nasce com a gente) / Mas você fica. Só foge dentro de si mesmo. (ANDRADE, 1982, p. 15).

Fazendo jus a minha fama de prolixo, devo vos falar que eu tenho três passagens pelo sistema penitenciário. Na primeira fui condenado a nove anos; e após várias tentativas de fuga, acabei por cumprir cinco anos dessa condenação e fui para o regime semiaberto; e não retornei após usufruir do direito de ir visitar a família. Na segunda, após cumprir alguns meses, eu dominei e amarrei o carcereiro e consegui fugir da 33ª delegacia policial de Realengo. Porém, após um algum tempo em liberdade fui preso pela terceira vez, envolvido em diversos crimes com emprego de violência; que resultaram em uma condenação a cento e oito anos de prisão; e desde então, fugir era o meu único objetivo nas prisões pelas quais passava.

6.1 fuga cinematográfica



Foto 11 – Antiga Penitenciária Lemos Brito, na Rua Frei Caneca, no centro do Rio de Janeiro.
Fonte: Folha de São Paulo

Como já foi dito, após algumas tentativas de fugas frustradas, eu fui transferido para o paraíso do inferno, (a penitenciária Lemos Brito), lá chegando alguns presos mais antigos me falaram dos pontos que julgavam mais vulneráveis para uma possível fuga; o velho “Wilson Camburão”, antigo parceiro de Lúcio Flávio e outros grandes assaltantes de bancos de sua época, me disse que há alguns anos atrás, o “Mimoso” um de seus amigos, havia fugido (junto com outros companheiros) por uma manilha de esgoto, que passava por baixo do palco do auditório.

A fuga ocorreu no início da noite, através de um buraco engenhosamente camuflado, aberto no auditório do presídio. Outros assaltantes também fugiram, mas foram recapturados logo depois, nas ruas próximas ao complexo penitenciário da Frei Caneca. ‘Mimoso’ escapou. A fuga aconteceu quando era projetado o filme "1941", quando houve uma parada na projeção logo no início da sessão e durante cerca de dois minutos o auditório ficou às escuras. Os fugitivos aproveitaram a escuridão e o barulho dos apupos da plateia, levantaram a tampa que escondia o buraco e escaparam.



Foto 12 – Fuga do Mimoso, Jornal Última Hora de 25/03/1983. Fonte: Jornal Leopoldinense.

O velho “Wilson Camburão”, disse que a única maneira de eu ter acesso ao auditório, era entrando para as aulas de teatro, ministradas pelo “projeto Teatro na Prisão” da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, que funcionava naquele espaço; e foi o que eu fiz, pois a vontade de fugir era maior do que a minha timidez, mas por alguns contratempos, que alongaria muito essa narrativa, transferi a fuga para um galpão desativado, onde o piso era mais fácil de ser quebrado, porém essa fuga não deu certo, já estava dentro da manilha, quando recebi o aviso de que os guardas estavam

vindo. Por sorte consegui sair antes que eles adentrassem o galpão e jogassem bombas de gás dentro da manilha, pois por precaução havia trocado o cadeado do portão de acesso ao galpão, o que retardou a entrada deles, pois precisaram voltar para buscar ferramentas para quebrar o cadeado e abrir o portão.

Após passar pelo ritual de espancamento destinado aos “fujões” e um mês na cela do castigo, retornei para as aulas de teatro, pois felizmente o tempo que eu frequentei as aulas, foi suficiente para despertar em mim o amor pela arte e assim continuei a frequentar as oficinas que foram fundamentais no meu processo de mudança, pois as professoras traziam livros e me incentivavam a voltar a estudar e em pouco tempo eu me converti num rato de biblioteca, na qual eu li livros que foram fundamentais na formação do meu senso crítico e fizeram com que em 2002 eu concluísse o curso, na primeira turma de ensino médio a se formar dentro do sistema penitenciário brasileiro, a cerimônia de diplomação foi no auditório, todos esses fatos mostram a ironia de Dionísio, que fez com que eu alcançasse em cima do palco, a liberdade que eu procurei em baixo, o que fez com que eu entendesse, que a prisão que mais nos oprime, é a prisão do pensamento e tal compreensão fez com que desde então eu nunca mais me sentisse preso.

Hoje, vejo que a minha fuga foi mais bem-sucedida que a do Mimoso, pois meses depois, ele foi executado com um tiro na nuca em uma emboscada feita pela polícia, enquanto eu fugi do cárcere para a universidade.

7 DO CÁRCERE À UNIVERSIDADE

Após concluir o ensino médio comecei a fazer os vestibulares da UERJ e UFRJ e posteriormente o ENEM, nos quais passava, mas como estava em regime fechado, não tinha permissão para sair para estudar; tal permissão só foi conseguida quando finalmente consegui progressão de pena para o regime semiaberto, mas devo dizer que mesmo assim o processo para chegar até a universidade foi longo e cheio de contratempos e para tal contei com os préstimos do projeto de extensão da UERJ, “do cárcere à universidade”, coordenado pela professora Socorro Calhau e Vanuza de Mello.

Os prezados leitores haverão de perceber que falo pouco das pessoas que são muito importantes em minha vida, o motivo para isso é que essas pessoas fazem as suas ações, por acreditarem que é seu dever contribuir com a sociedade na construção de um mundo melhor e foi nelas que eu me espelhei, nesses anos atuando no teatro e como voluntário no DEGASE e co-fundador da ONG, na qual pretendo seguir o exemplo dessas mulheres cujas ações possibilitaram a minha trajetória “das trevas para as luzes”.

8 MÃOS QUE AGEM

Enquanto indivíduo, minhas ações só se tornaram possível, graças à generosidade de mulheres, que enfrentando preconceitos e desafiando os perigos, vem atuando nos cárceres de nosso país, como professoras, enfermeiras, assistentes sociais, psicólogas, assistentes religiosas etc. A elas deixo aqui o meu reconhecimento, por suas ações, que cada uma a seu modo, contribuíram no meu processo de mudança. Entre elas, não poderia deixar de falar das já citadas professoras Maria de Lourdes e Natália Fiche, por fundarem o projeto teatro na prisão, que durante vinte e nove anos vem proporcionando refrigério para os corpos e almas dos apenados. Nesse momento em que concluo a minha graduação, pretendo seguir colaborando como voluntário, nessa ação que vem se mantendo graças aos bolsistas, voluntários e à professora Viviane Narvaes que se juntou à Natália, na coordenação do mesmo, após a aposentadoria da Professora Maria de Lourdes.

Enquanto membro do grupo teatral kriadakí, eu não poderia deixar de falar da família, Dias Belford, graças à qual nós custeamos lanches, almoços, passagens, e outras despesas que fizeram de nós o grupo que somos hoje. Guardada as devidas proporções eu diria que essa família está para o Kriadakí, numa proporção maior que “os Médici” tiveram para Michelangelo e Leonardo da Vinci, pois não temos a grandesa desses dois grandes artistas, portanto se existimos enquanto grupo, foi por que há mais de cinco anos essa família contribui mensalmente para nossa existência. Há em mim algo que queria falar muito mais da Nathalia Dias Belford, visto ser ela a ter tomado a decisão de contribuir conosco, mas percebo que nenhuma palavra expressaria a grandeza dessa mulher, que por algum motivo acreditou em nós e conseguiu fazer com que sua família também acreditasse. Creio que a melhor forma de mostrar o meu agradecimento é continuar a minha caminhada pelo mundo das artes me tornando melhor artista e um bom professor.

9 PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI (DA PRAÇA) DAS FLORES

Não há como falar de minha chegada, na Universidade, sem falar da praça das flores¹⁴, pois quando pedi informação à professora Natália sobre como chegar nesta universidade, ela me disse para pegar o ônibus cento e sete e saltar no ponto da praça das flores, logo após o instituto Benjamin Constant. Sei que estarei consolidando minha fama de prolixo, mas vivendo num país que vive flertando com a ditadura e estudando na UNIRIO, não poderia prosseguir essa narrativa, sem dizer que o nome da praça das flores, é Praça Guilherme de Oliveira Figueiredo, irmão do General João Batista de Oliveira Figueiredo, último presidente da ditadura militar, que segundo reza a lenda, teria criado essa universidade, para que o irmão Guilherme fosse o reitor. Feita essa crítica, faço uma ressalva para dizer que, há quem diga que esse ato de nepotismo se justifica, visto que Guilherme Figueiredo foi um importante intelectual, com vasta produção teatral, entre as quais: *A Raposa e as Uvas* (1948): Sua peça mais famosa. FIGUEIREDO, Guilherme. *A raposa e as uvas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, *Um Deus Dormiu Lá em Casa* (1949), *A Dama de Copas* (1950), *A Herdeira de Paim* (1951), *Xantipe* (1958), além de algumas traduções da obra de Jean Genet.

Dito isso, escrevo estas linhas, num período no qual as escolas e universidades federais estão em greve, um ano e quatro meses após a tentativa de golpe de Janeiro de 2023, que felizmente foi rechaçada pelas forças democráticas, pois caso o golpe tivesse sido consolidado estaríamos em grande perigo, visto que ditadores não gostam de estudantes, como mostram os fatos ocorridos neste campus, durante uma greve de estudantes no período da ditadura militar, durante a qual, no dia 22 de setembro de 1966, a polícia invadiu o campus onde funcionava a antiga escola de medicina da UFRJ, espancando, ferindo e matando três estudantes grevistas.

9.1 divergências

Portanto, se acaso algum leitor, tiver alguma questão com os atuais ocupantes do executivo, lembre-se que as divergências fazem parte da política, porém não é por causa de divergências políticas que uma pessoa vai votar em candidatos que defendem a

¹⁴ *Antigamente havia um quiosque que vendia flores e plantas ornamentais na praça em frente a Unirio.*

ditadura e a tortura. Acaba de me ocorrer que, assim como uma pregação de um pastor no púlpito de uma igreja, não deveria ser palanque eleitoral para fazer discurso político, uma monografia de conclusão de curso também não o é; porém mesmo assim mando um “muitíssimo obrigado” a todo aquele que de alguma forma contribuiu para que a ditadura e a tortura não voltassem a dominar nosso país, melhor dizendo a ditadura, pois a tortura ainda é uma prática constante em nossos cárceres. Aproveito a deixa, para reiterar, que escrevo esse trabalho, sem torturar o cérebro com longas reflexões e noites mal dormidas, pois tive bons professores, com os quais aprendi, que uma nota dez, não faz de ninguém um bom professor, pois essa condição será construída em sua relação com os futuros alunos.

9.2 primeira vez na prisão

Em 1986, fui preso pela primeira vez; e após uma noite de torturas, fui jogado numa cela imunda da 32ª Delegacia policial, de onde, meses depois empreendi minha primeira tentativa de fuga, após a qual fui transferido para o presídio de Água Santa, no qual fomos recebidos com porradas de cassetetes e obrigados a passar por um corredor Polonês, que nos conduziu até o “Maracanã” onde fomos submetidos a um ritual de espancamento, que guardado as devidas proporções foi muito semelhante aos narrados nas chegadas dos navios negreiros no cais do Valongo.

9.3 o inferno de agora e o de dantes

Oh vós que entraís nesse inferno!!! Deixai lá fora a esperança e a fé!!! Por que aqui se tortura homem e mulhe’

Aos conhecedores da obra “A divina comédia”, devo dizer que após chegar em Água Santa e receber “as boas vindas” do comitê de recepção no “maracanã”, fomos encaminhados para uma cela no fundão da galeria A, na qual fiquei até ser distribuído para outra cela definitiva, na qual, numa das paredes alguém usou um carvão e escreveu uma paráfrase do famoso verso do Canto III de *O Inferno* na obra *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, “Deixai toda esperança, ó vós que entraís” (*Lasciate ogne speranza, voi ch'intrate*), porém essa advertência, foi confrontada com outra frase, que vi escritas em muitas paredes das cadeias por onde passei: “Podem prender o meu corpo, nunca o meu pensamento”; e é a partir dessa frase que abro um novo parágrafo para falar da

importância da cultura, como refrigerio para os sofrimentos da alma dos que se encontram em cativeiro.

9.4 a arte nos ajuda a suportar e mudar a dura realidade

Foi no interior de uma penitenciária de segurança máxima, durante uma conversa com a atriz Elke Maravilha, em uma de suas inúmeras visitas aos presos, dos quais ela era a madrinha, que ouvi a frase: “A arte nos ajuda a suportar a dura realidade”. Eu acabara de falar sobre a sensação de liberdade, que experimentava todas as vezes que entrava no teatro da prisão para os ensaios ou para as apresentações. Elke, após beber um trago de cachaça feita na cadeia, citou a frase e a atribuiu ao filósofo alemão *Friedrich Nietzsche*. Enquanto meditava sobre o que ouvi, percebi que a frase atribuída ao *Nietzsche* não ecoava apenas em mim, pois já havia ouvido, vários companheiros do grupo de teatro expressarem sentimentos semelhantes aos meus. Foi a partir daí, que me dei conta, que as várias manifestações culturais que existiam na prisão, proporcionavam alívio para as dores do cotidiano dos privados de liberdade. E me lembrei de muitos desses momentos vividos em minha jornada pelo cárcere.

Em 1986 quando dei entrada na cela A 9, do presídio de Água Santa, na cidade do Rio de Janeiro, o Maurício, o Chacal e o “Seu Wilson”, organizavam uma roda de samba, na qual o samba mais cantado era “a voz do morro”, do Zé Kéti, e “não deixa o samba morrer”, de Aloisio Silva e Edson Conceição. Também havia outras práticas, como a capoeira e o jogo de baralho; devo ressaltar que essas práticas eram perseguidas, pois os guardas alegavam que o Jogo era coisa de malandro e o samba e a capoeira poderiam ser usados para abafar o barulho das serras ou outras ferramentas improvisadas para possíveis fugas. Dito isso, podemos afirmar que tanto no contexto do sistema escravocrata, quanto no de privação de liberdade, existe a cultura da fuga e a cultura da repressão da fuga.

Pensadores como John Locke, advogam que tanto no contexto do regime prisional, quanto no escravocrata, reagir à prisão, lutando até a morte é uma das formas de se evitar a captura, e se por algum motivo alheio a sua vontade a pessoa for capturada, poderá alcançar a liberdade pela fuga ou pelo suicídio. Locke (1973) argumenta que, a liberdade é o fundamento de todos os outros direitos, qualquer tentativa de escravização ou prisão arbitrária autoriza o indivíduo a usar a força, para se defender, já que o agressor renunciou à lei da razão.

Quanto às formas de lutas em prol da liberdade, minha experiência no cárcere me faz concordar, em parte, com John Locke, nunca tentei o suicídio comum, mas fiz várias tentativas de fugas suicidas, posto que no contexto prisional, tentar fugir é colocar a vida numa roleta russa, na qual com raras exceções a segurança atira para matar. Há na literatura e no teatro, inúmeras narrativas que falam sobre isso, por coincidência, atuei numa delas: “mostre-me a saída”, uma peça dirigida pela professora Viviane Narvaes; escrita a partir de “fuga”, uma peça em um ato, na qual o dramaturgo americano Tennessee Williams, denuncia o assassinato de um preso que tentava fugir.

Desnecessário dizer, que as práticas culturais, além de servirem como remédio para as dores da alma, foram fundamentais na resistência, revoltas e fugas que iniciaram a formação dos quilombos, nos quais as manifestações culturais puderam ser expressas de forma livre e lúdica, mantendo-os preparados física e espiritualmente para lutas desiguais contra soldados bem armados. Enfim, os livros históricos mostram que, tanto no contexto das senzalas, quanto nos quilombos, essas práticas não tinham apenas a intenção de suportar a dura realidade, mas de muda-lá. Porém essa mudança ainda não foi alcançada, pois negros, brancos e outras etnias de pessoas pobres, a maior parte da população, continuam a serem dominadas pelo poder econômico de uma minoria, que explora o trabalho da maioria. Negros e pardos, que representam mais da metade da população, não podem ser minoria nos bons empregos e nas universidades e maioria nas prisões.

Não me lembro que o Nietzsche tenha dito a frase que a Elke me falou, mas possivelmente ele tenha dito frase semelhante, posto que em sua vasta obra, ele nos conclamava a “filosofar com o martelo” e “quebrar as tábuas da lei”, não a suporta-las.

Enfim, a capacidade de pensar, adquirir, produzir cultura e modificar a natureza é o que nos diferencia das outras espécies, em meio a tantas guerras, preciso acreditar que a mudança está em nossas mãos e nossa arma é a cultura, pois a cultura muda o homem e o homem muda o mundo!

“Somos seres mutantes, corpos e pensamentos que se transformam a cada instante! Produto do alimento que comemos, resultado da educação que recebemos! Tudo se transforma! Nada é constante! Já não somos agora, o que éramos antes! As espécies que não se adaptam desaparecem! É preciso distribuir a renda e dividir o pão! E dar a cada criança: Alimento, cultura e educação e todas as condições necessárias à sua subsistência, a fim de que nenhuma criança, ao crescer, se veja na necessidade

de cometer crimes, para ser presa ou morta depois! – O que as crianças são aprendem na escola da vida, criança não nasce má e escolhe ser bandida!!! – Basta de escravos! Basta de Guerras! Basta de famintos! Basta de prisão! Basta de torturas nas prisões! O homem não foi feito para arrastar correntes! Mas para abrir asas!!! (Sodré, O evangelho segundo Dionísio)

9.5 virgílio

Em minha jornada nas profundas do inferno passei por outras celas e participei de algumas tentativas de fugas frustradas, até que consegui comprar uma transferência para a penitenciária Esmeraldino Bandeira, na qual fui recebido por um assaltante de bancos, com o qual havia praticado alguns assaltos. Após me abraçar, ele me conduziu pelas dependências da penitenciária, me mostrando o espaço e me apresentando aos amigos.

Hoje como um admirador da “Divina comédia” de Dante Alighieri, vejo a ironia, de que ao chegar nesta penitenciária, tenha sido recebido por esse amigo, que tal qual Virgílio fez com Dante, me conduziu pelo “inferno penitenciário”, me mostrando as galerias e apresentando os amigos, um dos quais veio a morrer na primeira “rebelião”, a que sobrevivi e que de uma forma resumida relatei no monólogo que está no início da peça “mostre-me a saída”, uma criação coletiva do grupo fuga coletiva:

9.6 a revolta das bananas

Arrasta o cu no chão!!! Seus viados!!! Filhos da Puta!!!

Essas palavras machucam! Mas o que machuca muito mais, são as porradas que os presos recebem, enquanto se arrastam agachados no meio de um corredor polonês, formados por funcionários do Estado, vestindo roupas, máscaras e capacetes pretos, feitos para retratar a figura da morte. A primeira vez que eu passei por isso foi por um motivo fútil: Acabou as bananas no refeitório e o preso responsável, foi até o depósito pegar mais e o guarda encarregado, diante de diversas caixas de bananas, disse que não daria, iniciou-se uma discussão que terminou com o preso recebendo dois tiros, o coletivo se revoltou com tamanha covardia e foram para o pátio exigir uma atitude do diretor. Após algumas horas, o diretor compareceu escoltado por inúmeros guardas e disse que o guarda agira de maneira correta. Iniciou-se um tumulto que terminou com centenas de tiros, o alarme foi acionado e o reforço chegou. E aí veio a hora da cobrança: os presos foram levados para o pátio de banho de sol, obrigados a tirar as roupas e a sentarem um atrás do outro, diante de uma enorme bandeira com a figura de uma caveira atravessada por um punhal. Alguns foram escolhidos para receberem o

“corretivo” um ritual de tortura e espancamento, semelhante aos aplicados num navio negreiro, esse é o momento pedagógico no qual o preso aprende, que direitos humanos é tiro porrada e bomba. Na semana seguinte, a cadeia, parecia um set de filmes de horror, dezenas de presos com pernas e braços quebrados e cabeças enfaixadas. Até hoje não se sabe quantos presos morreram... disseram que houve uma fuga em massa... e a revolta das bananas nunca foi contada. (SODRÉ, Texto incluído na peça, mostre-me a saída, 2019. Não Publicado)

Hoje é comum chamar um e presidiário de “sobrevivente do cárcere”, no meu caso eu diria que sou “um sobrevivente do inferno”, pois por algumas vezes em meio a tiro porrada e bombas, eu ouvi algum guarda gritar, “agora vocês vão conhecer o capeta!!!”

9.7 beatriz

Os leitores de Dante sabem que após passar pelo inferno, ele chega ao paraíso onde é recebido por Beatriz, que lhe serve de guia. O surreal é que ao chegar à UNIRIO, fui recebido de braços abertos pela Jaqueline, uma das integrantes do teatro na prisão, que após me abraçar, me deu o braço e me mostrou as dependências da faculdade, tal como uma Beatriz conduzindo Dante pelo paraíso, abro aqui um parêntese para refrescar a memória dos leitores sobre o porquê dessa analogia entre Jaqueline e Beatriz:

"Na sequência, Beatriz o leva e o guia pelo Paraíso. A partir daí ela tira as dúvidas de Dante sobre questões filosóficas e religiosas, assim também fazem outros personagens presentes no percurso. Ao encontrar personagens históricos como Justiniano, questões históricas e políticas são discutidas, e críticas são feitas a membros da Igreja."

Fecho esse parêntese, dizendo que apesar da analogia entre a Divina Comédia e a academia, ao sair dela, ainda continuo com muitas dúvidas nas questões filosóficas, religiosas, históricas e políticas.

Voltando “aos braços de Beatriz”; é preciso dizer que nesse dia ainda não era aluno, mas comecei a vir a este campus com alguma regularidade para participar de reuniões na sala do teatro na prisão, o que fez com que ao chegar a Unirio como aluno, eu não me sentisse um corpo estranho; e foi nesse contexto que conheci a nova safra de bolsistas e voluntários do projeto, entre eles eu destaco o Luan de Almeida, pois fui o tema de seu TCC, “O sonho de Sodré” – confesso que ganhei um exemplar, que até hoje não li, o que mostra que Erasmo de Roterdã estava certo ao dizer que não vale a pena ser

perfeccionista, sofrendo e torturando o cérebro, desperdiçando o tempo, escrevendo com grandes sacrifícios, um TCC que poucos lerão. Outra a quem destaco é a Roberta Campos - por que também fez parte do seu TCC, num produto audiovisual chamado “A parte”.
Segue o Link do A Parte.

https://drive.google.com/file/d/1CRIhkZ3J_XiQmJrXT2n_TF8NMijE4kxi/view?usp=sharing

10 SORRIAM VOCÊS ESTÃO NO MEU TEXTO

Enquanto escrevo, está rolando uma reunião entre alguns amigos, no mezanino, de repente ouço o Stefano falando algo que termina em “...do Sodré”, a Natali respondeu em um tom de voz sussurrante: – Sssshhh... ele está lá embaixo. Após uma pausa dramática, a Isabela mudou de assunto, mas em mim ficou a impressão de que falavam algo relacionado ao meu término de pena que se deu hoje dia 15/05/2024. Dando continuidade, vos digo que além desses amigos do projeto, fiz outros bons amigos com os quais tive muitas conversas importantes, porém uma das pessoas com quem eu mais conversei foi o Luan de Almeida, um dos mais dedicados membros do projeto “Teatro na Prisão” do qual como já disse, fui o tema de seu TCC.

10.1 sonho do sodré

Durante o processo do TCC do Luan tivemos muitas conversas e tive o prazer de tê-lo dirigindo e atuando em “Dois neurônios numa mente suja”, uma de minhas peças que apresentamos em diversos espaços. Durante uma dessas conversas, o Luan me comunicou que eu seria o tema de seu trabalho. Naquele tempo não me dei conta de que um dia chegaria a minha vez de escrever o meu, hoje percebo que poderia escolher a vida do Luan como tema, enfim “A realidade de Luan”, seria o título adequado, para falar do seu momento atual, no qual ele é professor concursado no município de Angra dos Reis, ator e diretor de teatro e cinema. Mas, como não posso mudar, é melhor dar continuidade à narrativa, porém antes eu gostaria de lembrar, que também atuamos juntos na peça ‘Mostre-me a saída’ com o grupo “fuga coletiva” com o qual, durante a pandemia fizemos alguns trabalhos virtuais, entre os quais a desmontagem da peça “mostre-me a saída”, para um edital da lei Aldir Blanc, o que foi muito importante para manter a minha sanidade física e mental. Antes de encerrar esse parágrafo quero dizer que uma vez o Luan, me deu um livro chamado “A hora e a vez de Augusto Matraga”, aproveito tal lembrança para dizer que após tantas histórias, chegou a hora e a vez do TCC do Sodré!!!

10.2 primeiro tema

A princípio eu pretendia escrever sobre o fim das manifestações culturais nas prisões, após a redemocratização iniciada no governo José Sarney em 1985, tinha como objetivo, apontar a contradição de que, apesar das torturas e desaparecimentos forçados, ocorridas nos porões da ditadura militar, alguns presos antigos tinham saudades da prisão

desse período, pois segundo eles; e há registros que comprovam o que disseram, a pesar de todas as mazelas que ocorriam (e ainda hoje ocorrem) nas prisões, as manifestações culturais e atividades esportivas, faziam parte do cotidiano dos detentos, havia festivais de música e poesia, aulas e apresentações de teatro, rodas de samba e capoeira, campeonatos de futebol entre os detentos, jogos contra times que vinham da rua, além disso, os presos tinham acesso a diversos instrumentos musicais, como bateria, guitarras, contrabaixos, violões, saxofones e outros, os quais os presos podiam levar para o interior das celas para praticar, as prisões eram menos superlotadas e como já foi dito, em algumas prisões o preso tinha o direito de dormir uma noite por semana com sua companheira. No auditório da unidade ocorriam diversas atividades e inúmeros artistas, que hoje são ícones de nossa cultura; vez em quando, iam visitar os presos políticos e se apresentar em ocasiões festivas. Como já disse há registros históricos em jornais e em livros como “**A fuga: rumo à luta armada contra a ditadura**” de André Borges, que provam tais afirmações, por seus testemunhos e pelas inúmeras fotos que documentam esses fatos. Em sua obra, Borges (2017) descreve a experiência do cárcere no presídio Frei Caneca e a complexa organização de fugas estratégicas para que os militantes pudessem retomar o combate direto contra o sistema autoritário.

10.3 podem prender o meu corpo, mas não os meus pensamentos

Como já foi dito, além da frase de Dante, li em paredes de algumas prisões a seguinte frase: “podem prender o meu corpo, mas não os meus pensamentos”. Como está documentada, em livros e nas diversas mídias, no período da escravidão e da ditadura, a cultura coexistiu com as atrocidades desses períodos tenebrosos. Por isso cito a frase acima, para dizer que hoje o Estado, dito democrático está prendendo o corpo e o pensamento, pois se as manifestações culturais são as principais formas de liberdade do espírito, é inaceitável que em um regime democrático, a cultura tenha gradativamente perdido espaço dentro das prisões. Podemos afirmar que aqui no Rio de Janeiro, o último bastião de resistência é o Projeto teatro na prisão, mesmo assim por motivo que ignoro, desde o ano de 2023???, o teatro na prisão não conseguiu renovar a autorização para dar continuidade ao projeto que existe desde 1997, ainda não sei os motivos alegados para isso, mas vivendo num tempo no qual a arte perdeu seu espaço e a opção pelo punitivismo é defendida por grande parcela da população, a não renovação me leva a compreender, o por que, de os presos antigos não veem diferença entre democracia e ditadura...

10.4 dos navios negreiros aos navios prisões

Aos que porventura discordem do que estou dizendo, convém lembrar, que o discurso punitivista tem sido apoiado por grande parcela da população e por isso tem sido usado por políticos como plataforma eleitoral.

Vejamos o fragmento do artigo de Mariana Pitasse | *Brasil de Fato* | *Rio de Janeiro (RJ)*
| 26 de novembro de 2018

Pouco antes do segundo turno das eleições, o governador eleito pelo Rio de Janeiro Wilson Witzel (PSC) declarou que um de seus planos para área da segurança pública no estado é fazer “navios presídios” em alto-mar para abrigar o contingente de presos que não cabem em terra. Também disse que, se necessário, “cavaria mais covas para enterrar criminosos”...

É importante dizer que por motivos que fogem ao escopo deste trabalho, o Governador Wilson Witzel, foi cassado, mas suas ideias escravocratas continuam na mentalidade de grande parcela de nossa população, para a qual, cadeia é lugar de pretos, pobres e putas, para os quais todo castigo é pouco. Não estou aqui querendo ser o paladino da verdade, mas tais críticas servem para os variados segmentos políticos, que representam o conjunto da sociedade, pois a prática da tortura e encarceramento em massa é o modelo punitivista praticado, tanto nos governos de direita, quanto nos de esquerda, pois há na mente de ambos os segmentos políticos, a crença de que “bandido bom é bandido morto”.

10.5 crime e castigo

Desde antes de Dostoiévski já se pensava sobre a questão da criminalidade. Na primeira parte de seu livro “Utopia”, Thomas More afirma que a desapropriação e expulsão dos lavradores das terras na Inglaterra, aumentaram muito a pobreza e a presença de mendigos e vendedores ambulantes na cidade de Londres. Estudos criteriosos mostram que neste período histórico, o índice de roubos aumentou de forma exponencial, apesar das punições com práticas de torturas, penas de morte e prisões desumanas, o que

levou More a concluir: Nenhum castigo, por mais cruel que seja, impedirá de roubar aqueles que não dispõem de outro meio para não morrer de fome (MORE, 1972, p. 168).

Essa crueldade punitivista retratada por Thomas More e outros pensadores como Cesare Beccaria, era comum em inúmeros países; e guardadas as devidas proporções, continua a ser praticada presentemente, posto que vivemos numa cidade, na qual a concentração de renda resultou num visível aumento da pobreza. Enfim uma cidade com alto índices de roubos, na qual ladrões de origem pobre, quando pegos, são espancados e entregues para o “poder público” ou para o “poder do morro mais próximo”, a fim de que, após sofrerem novas sessões de espancamentos, sejam julgados por um tribunal extremamente rigoroso, que tem a pena de morte como sua sentença mais constante; entretanto, apesar desse “castigo cruel” é perceptível o aumento da criminalidade, o que me leva a lembrar e parafrasear um questionamento de Thomas More: “Não seria melhor garantir a cada criança, o alimento, a educação, a cultura e todas as condições necessárias a sua subsistência, a fim, de que, nenhuma criança, ao crescer, se veja na necessidade de cometer crimes, para ser presa ou morta depois?”

Enfim, creio que, como afirma Rousseau, em “Emílio”, se fossemos ao casebre do pobre para conhecer a sua realidade ou como disseram inúmeros autores, se enxergássemos os invisibilizados que dormem nas calçadas e marquises das grandes cidades e soubéssemos das negociatas, desvios, roubos e todas as falcatruas que os ricos praticam, chegaríamos à mesma conclusão de Voltaire, que afirmou que: “ todo rico descende de um ladrão” e concordaríamos com o que ele disse em seu dicionário filosófico, no qual, no verbete “Malvado”, afirma que os maiores malvados, que existem, são os políticos e os capangas que trabalham para eles, os mandantes e os assassinos de Marielle Franco são o exemplo disso.

10.6 mudando de opinião

Minha professora e amiga Natália Fiche, me disse algumas vezes que tenho conteúdo próprio e que não preciso fazer tantas citações aos grandes pensadores, porém não tenho com terminar esse parágrafo sem citar Vitor Hugo, que em suas obras nos mostra, que se conhecermos as causas e as circunstâncias que levam o homem ao crime, qualquer pessoa poderá mudar de opinião quanto às injustiças desse sistema, que mata e aprisiona os corpos pretos e pobres, pois até mesmo o inspetor Javert, o implacável perseguidor de Jean Valjean em “Os miseráveis”, Victor Hugo (1981), mudou a sua. O

Inspetor Javert, personifica o legalismo cego; para ele, um homem que cometeu um crime, como Jean Valjean, nunca deixará de ser um criminoso aos olhos da sociedade.

10.7 a hora e a vez do sodré

Oh senhor Deus dos desgraçados!!! Onde estás que não respondes? Em que paragens tu te escondes? Não me deixe sem resposta! No meio de ratos, baratas, mijo e bosta!

A primeira cena que eu escrevi, foi inspirada em uma notícia que circulou em todas as mídias da época: um grupo de adolescentes delinquentes, estavam “morando” em uma galeria de águas pluviais em Ipanema, RJ, como mostra a foto a seguir do jornal O globo, em que se vê um adolescente saindo de um bueiro:



Foto 13 – Jornal O Globo. Foto, Domingos Peixoto. Fonte: Folha de São Paulo

A partir disso, escrevi uma cena, na qual imaginei que o líder desses adolescentes havia sido preso e posteriormente conduzido até o tribunal, onde na presença do Juiz, a promotoria apresentou uma acusação de assalto mediante uso de arma branca, na qual apresentou o réu como uma “semente do mal” irrecuperável, que deveria ser condenado à pena máxima. O adolescente por sua vez, expôs as circunstâncias que o levaram a estar morando entre ratos, baratas e a praticar os crimes pelos quais estava sendo acusado. Por outro lado, a defensoria fez a defesa apresentando argumentos e citações baseadas em grandes obras de estudiosos da condição humana.

Quando escrevi essa cena, eu não imaginava que história semelhante já havia sido contada por Jorge Amado, pois ainda não havia lido *Capitães da Areia*. Publicado originalmente em 1937 (e queimado em praça pública pela ditadura do Estado Novo), o romance denuncia o descaso das autoridades e das elites com a infância pobre, propondo que a revolta é a única saída para a dignidade.

Também não havia lido “A criança criminosa” de Jean Genet, para perceber que a questão dos adolescentes infratores é antiga e não é apenas um fenômeno brasileiro, onde continuam sendo tratados como um problema policial.

Genet (2016) reivindica para a criança criminosa o direito de existir em sua própria "noite", revestindo-se dos ornamentos da linguagem em vez de submeter-se às categorias de Bem e Mal impostas pela sociedade. Escrito no contexto de um debate nacional na França sobre a reforma do sistema de reeducação juvenil. Genet, que foi ele mesmo um "delinquente juvenil", rejeitou a linguagem da reforma e da piedade.

Hoje percebo que o meu antigo propósito de retomar essa escrita, será enriquecido pelas leituras dessas e de outras obras e também por minha experiência, em apresentar peças e dar aulas nas unidades do DEGASE, o que me levou a perceber que a questão da delinquência juvenil e do sistema que pune essas práticas delituosas, não sofreu mudanças significativas.

Para que o prezado leitor não pense que eu escrevi bastante depois de ter ouvido a conversa dos amigos, devo vos explicar que depois que mudaram de assunto, eu me abstrai em revisar o que escrevi até agora; e novamente ouço o Stefano falar de algo na laje dele; e novamente alguém falou sussurrando mais baixo – Shhh o Sodré, e novamente fez-se uma pausa de silêncio. O que acabo de dizer me faz lembrar o que disse Gilles Deleuze em P de professor, do *Abecedário*¹⁵ “Não é uma questão de entender e ouvir tudo, mas de acordar a tempo de captar o que lhe convém pessoalmente” (DELEUZE, 1996).

¹⁵ *Abecedário de Gilles Deleuze é uma série de entrevistas dadas a Claire Parnet, dirigidas e editadas por Pierre-AndreBautang, nos anos de 1988-89*

10.8 a mãe no meio

Minha mãe não veria vantagem no que disse Deleuze, pois segundo ela até os cachorros fazem isso. Uma vez ela me disse que em certa ocasião, minha avó estava sozinha em casa e ouviu os latidos dos cachorros da fazenda que ferozmente estavam atacando um porco do fazendeiro vizinho, que havia passado por baixo da cerca, segundo ela, minha avó comentou em voz alta a sua preocupação de que se os cachorros matassem o porco, isso poderia resultar em briga e morte, visto que ambos os lados do possível conflito tinham hábito de portar armas. Segundo minha avó, um cachorro que estava dormindo ao seu lado, levantou as orelhas, olhou para a direção dos latidos e partiu em disparada e defendeu o porco do vizinho, dos dentes dos outros cachorros, evitando assim uma possível tragédia, enfim, minha mãe é uma peça. Eu é que não tenho talento para escrever sobre ela!

10.9 a primeira vez no palco

A primeira vez que pisei num palco foi bem antes de ser preso; eu tinha vinte e dois anos, quando fui visitar minha família, perguntei por um amigo de adolescência, minha irmã me informou que ele trabalhava no teatro Anchieta, um teatro histórico, anexo a igreja de São Benedito em São Mateus, ES. Após me receber na porta de entrada, meu amigo me mostrou o camarim, a coxia e o palco, onde ficamos conversando por um bom tempo. Eu poderia usar a licença poética e dizer que foi então que percebi: “é isso que eu quero para minha vida” e decidi ser ator! Mas não vou agir como um desses sujeitos que vão para a igreja dar falso testemunho das merdas que fizeram antes de virar pastor! Mas recordo-me que senti uma energia boa naquele palco e é com grande prazer que hoje, nos palcos, exerço o meu ofício.

11 DEVANEIOS DA LOUCURA

Passo enfim a falar de minha primeira peça, a partir da obra de Erasmo de Roterdã, entretanto para que o prezado leitor entenda meu processo, devo dizer que quando eu tinha mais ou menos vinte anos, um primo meu comprou alguns livros, entre os quais: “a insustentável leveza do ser” de Millan Kundera e “O elogio da loucura” de Erasmo de Roterdã, peguei os livros emprestados, mas abandonei a leitura nas primeiras páginas, pois por falta de ter lido “os clássicos”, não consegui sentir nenhum prazer nessas leituras. Devo vos dizer que nessa época eu já estava enveredando para o caminho do crime, o que fez com que alguns anos depois, eu tenha sido preso pela primeira vez; e nesse período eu não tive a menor intenção de ler ou escrever, pois fui um preso muito ocupado, tentando fugir ou administrando a venda de maconha no interior da penitenciária, na qual eu cumpri quatro anos e dez meses, por uma condenação de nove anos e seis meses, por assalto a mão armada.

Após cumprir essa primeira pena ganhei a liberdade, voltei para o crime, fui preso novamente e encaminhado para a 33ª delegacia do bairro de Realengo, de onde fugi, após alguns meses, poderia estender essa narrativa me vangloriando dessa fuga espetacularmente ousada, mas meu objetivo maior é falar de outra fuga ainda mais espetacular, portanto retomo a narrativa para dizer que voltei a ser preso dois anos depois, acusado de diversos crimes, que resultaram em condenações que totalizaram cento e oito anos e seis meses.

Foi a partir dessa última prisão que iniciei o processo que me trouxe até esse momento, no qual finalmente aqui estou iniciando o meu TCC, o qual devo vos alertar, que do conceito de “escrever com sangue” de Nietzsche, só sobrou a ideia de escrever em letras vermelhas, posto que como recomenda, “O elogio da loucura”, escolhi escrever sem torturar o cérebro com longas reflexões.

Enfim, após eu me iniciar no teatro, minhas professoras traziam livros para eu ler, os primeiros, trazidos pela Helena Vieira foram “O teatro do oprimido”, de Augusto Boal, (com o qual eu tive a honra de conversar em uma de suas idas a prisão, na qual ele foi assistir a uma sessão de teatro fórum, protagonizada pelo grupo feminino do teatro na prisão); e “Santa Joana dos matadouros”, de Bertolt Brecht, um livro que eu li e tive o prazer de assistir a encenação, dirigida pela professora Marina Vianna, com a qual tive a

honra de fazer uma disciplina, na qual percebi a importância de Antonin Artaud e Samuel Beckett, o que me levou a reler o teatro e seu duplo e “Esperando Godot”, que anos depois me influenciou a escolher a proximidade de uma árvore seca, encalhada na praia de Guriri, em São Mateus, ES, como meu local de reflexão, durante a pandemia da covid19.



Foto 14 Se equilibrando numa árvore, Ilha de Guriri, São Mateus, ES.
Fonte: Acervo pessoal.

11.1 batismo a dionísio

Durante a pandemia estava na casa da minha mãe no Espírito Santo, mas tive que vir ao Rio de Janeiro, onde passei dez meses, trabalhando em “Nem com uma Flor”, ao voltar eu peguei uma forte gripe que julguei ser covid, melhorei em casa sem ir ao médico; e após me recuperar fui até o meu point na árvore encalhada na praia e fiz um ritual de “batismo a Dionísio”, no qual, após oferecer minha vida ao teatro, mergulhei na água dizendo um poema que fiz em honra a Dionísio.

Dionísio te traz ao topo do mundo

Onde é possível ser tudo...

O que puder sonhar.

Serás o rei, a rainha

O dono do mundo, simples vagabundo

Tudo o que tua imaginação criar.

O rosto que chora é o mesmo que ri

Ficarás alegre ou triste

Sem de vinho se embriagar

Poderás ser tão pobre quanto aquele que só tem o lixo pra se alimentar!

Poderás ter todo o poder que todo o dinheiro não pode comprar

Poderás ser qualquer coisa, qualquer pessoa, em qualquer época, em qualquer lugar.

O palco é o topo do mundo

Onde todo o sonho é possível

A quem quiser sonhar

11.2 renascido das águas

Dias depois, ao mergulhar nesse mesmo local a morte quase me levou, pois caí numa corrente de retorno e quase morri afogado, pois nadei contra a corrente chegando a um estado de exaustão tão grande que parei de nadar, mas permaneci boiando, porém aceitando a morte como inevitável, foi nessa circunstância que lembrei que havia lido que o que faz a pessoa morrer afogada é o desespero, tal lembrança fez com que eu começasse a me controlar, até que notei que minha respiração se acalmou e procurei mantê-la sob controle movimentando as pernas e braços, apenas o suficiente para manter o rosto fora da água para respirar. Após algum tempo senti minhas energias voltarem e comecei a

nadar cachorrinho, lentamente para evitar o cansaço, quando finalmente cheguei na areia me deitei de barriga para cima e fiquei por algum tempo deitado recompondo a respiração, enquanto pensava e após dias de reflexão sobre minha vida e o quase afogamento, cheguei a seguinte conclusão: “agora estou realmente batizado, pois morri e renasci, para dedicar toda a minha vida ao teatro”.

11.3 rato de biblioteca

Retomando enfim, devo dizer que além do incentivo à leitura, minhas professoras também me incentivaram a voltar a estudar e foi assim que virei um “rato de biblioteca”, na qual passava boa parte do meu tempo desenvolvendo estratégias para roubar livros, os quais eu devolvia após ler e foi durante esses roubos que eu tive o meu primeiro contato com “o diário de um ladrão” de Jean Genet, no qual ele narra que também roubava livros em uma biblioteca, mas tendo consciência de minha prolixidade, não vou enveredar por esse caminho, pois como fã de Genet, eu correria o risco de preencher algumas laudas, falando de “O balcão”, que tive o prazer de ler e assistir, no SESC, de Copacabana e na sala Sérgio Britto na CAL da Glória. Na peça de Genet (2011), o bordel de Irma funciona como uma fábrica de ilusões onde o poder não é algo real, mas uma imagem encenada através de fetiches e figurinos (o Bispo, o Juiz, o General).

Peço perdão aos meus leitores, mas minha prolixidade é mais forte que os conselhos de Tchecov; e não me deixa seguir adiante, sem falar algo sobre as duas versões, porém não farei uma análise crítica do todo, me limitarei a dizer que na CAL o cenário foi um puteiro construído a partir da atuação dos atores no espaço, usando figurinos e adereços e no SESC, o cenário consistia basicamente, em uma cadeira ginecológica, enfim gostei muito das duas versões nas quais ambos os cenários foram muito diferente da versão, cujo cenário entrou para os anais do teatro, ao virar protagonista, quando foi apresentada, no teatro da grande atriz Ruth Escobar em São Paulo.

11.4 um caso de amor

Falar de Genet, que como eu foi um ladrão de livros, me faz lembrar que na biblioteca, havia uma coleção completa de “os grandes pensadores”, e foi assim que me tornei amante de Sofia, com a qual pretendo manter “um caso de amor” até o findar de minha existência; e assim, após ter lido alguma coisa das várias escolas da filosofia, dos

pré-socráticos, aos iluministas, passando pelos escolásticos e a escola de Frankfurt, ia sempre até a biblioteca para realizar mais um roubo. Abro aqui outro parêntese para dizer que cometia esses roubos para burlar algumas normas criadas por um funcionário que tinha implicância comigo, por ser segurança de uma de minhas antigas vítimas, e sempre criava pretextos para que eu não levasse os livros para ler na cela, durante a noite, nos finais de semanas e feriados, como era meu costume, tendo em vista que durante os dias da semana, eu estava sempre ocupado fazendo alguma atividade: teatro, curso de informática, aulas na escola, curso de pintura etc. E foi após inúmeros roubos que “roubei” o livro “Utopia” de Thomas Moore, no qual eu tenho me inspirado para algumas reflexões e tive a felicidade de reencontrar “O elogio da Loucura”, visto essas duas obras estarem fazendo parte do mesmo volume. E assim passei noites lendo esse maravilhoso livro, que agora sim eu estava em condições de entender e me deliciar com a leitura, visto ser um livro satírico que faz referência a inúmeros pensadores que eu havia lido nos últimos anos. Devo dizer que fiquei tão impactado com essa leitura, que esse livro eu não devolvi. Confesso minha culpa, mas minha consciência está em paz, pois durante o período que eu frequentei a biblioteca, presenciei muitas conversas dos presos que ali trabalhavam, durante as quais diziam, que alguns funcionários roubavam e vendiam, livros históricos muito antigos, tais como “Don quixote de lá mancha” e outros, entre os quais alguns que haviam sido ilustrado por artistas de renomada fama.

Voltando para minha primeira peça, devo dizer que seguindo os conselhos do Erasmo, não torturei meu cérebro, reescrevi as partes que mais me tocaram, as quais eu havia sublinhado e costurei tudo com meus próprios pensamentos, incluindo pensamentos de outros pensadores de minha predileção que dialogam com o tema.

Enfim, tenho a intenção de levar essa peça para o palco, mas algo em mim quer reescrevê-la, na solidão de uma mesa de trabalho, acrescentando experiências adquiridas, após minha entrada na universidade. Por outro lado, há em mim outro algo que quer finalizá-la durante um processo de ensaios, pois a razão aponta que assim como uma criança nasce antes de estar completamente formada e termina sua formação nos meses subsequentes ao seu nascimento, uma peça de teatro só se completa após os cuidados de uma boa temporada de ensaios junto com o elenco e equipe técnica.

12 NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA CRIANÇA

Devo dizer ao prezado leitor, que algumas das minhas peças ainda estão inacabadas, porém falar agora dessa incompletude não é uma boa opção para o desenvolvimento desse texto, mas é um gancho para que eu passe a falar de minha terceira peça, “Pedras no caminho” trata-se de uma peça, cuja temática, é a morte de crianças, assim como a menina Maria Eduarda, que morreu aos treze anos, dentro da escola municipal Jornalista Daniel Piza, em Costa Barros, atingida por tiros de fuzil. Esses e outros acontecimentos me levaram a escrever o diálogo abaixo que se faz presente em duas de minhas peças:

*MARIA – Será que os envolvidos nessa guerra são cegos e não viram que **tinha uma criança no meio do caminho**? – Você precisava ver o desespero daquela mãe vendo a criança morrer em seus braços! – **Ai de mim!** Gritava a mãe e com as mãos tentava estancar o sangue que escorria pelo ferimento no pescoço da filha, mas o sangue escorria, por entre seus dedos, encharcava o uniforme da escola e formava uma poça no chão. **Ai de mim!** Dizia a mãe, enquanto a criança arfava e soltava golfadas de sangue pela boca, de repente a criança ficou imóvel e seu olhar ficou vazio. (Pausa) – **AI DE MIM!!!** Nunca mais vou esquecer o olhar daquela criança! (Silêncio). Nunca mais vou esquecer que no meio do caminho tinha uma criança, tinha uma criança no meio do caminho, no meio do caminho, tinha uma criança no meio do caminho (para os companheiros, mudando o tom) – Isso não pode continuar! – Alguma coisa precisa ser feita! – O morro tem que descer!*

NEGÃO – (mostrando um vídeo no telefone) – Já desceu e "como sempre" a polícia está lá jogando bomba de gás e spray de pimenta em todo mundo e a imprensa "como sempre", está dizendo que a manifestação foi orquestrada pelos bandidos...

Concordo que minha peça não é tão boa quanto “Macacos”, de Clayton Nascimento, que por coincidência assisti ao Lado da Therezinha Maria de Jesus, mãe do menino Eduardo de nove anos que foi morto na porta de sua casa em 2015, vítima dessa guerra estúpida, mas escrevê-la foi a minha forma de expressar o que sinto quando as balas atingem “uma criança no meio do caminho”. (SODRÉ, 2020. Não Publicado)

12.1 das dores e dos prazeres

Recentemente assisti à peça “DAS DORES”, de uma companhia oriunda da favela da maré. Falar da maré iria requerer o tempo e a dedicação para a escrita de um livro, pois

por diversas fui a essa favela como um bandido, para participar de assaltos e sequestros na cidade; e após a pandemia da Covid, fui até lá como artista, para participar de um festival de cenas curtas e desde então volto como espectador em alguns dos espetáculos que ocorrem no museu da Maré, que são dirigidos por diversos alunos e ex alunos da Unirio. fotos do festival

Como eu estava dizendo recentemente assisti à peça “DAS DORES”, de uma companhia oriunda da favela da maré, a peça fala “das dores” de uma mãe que perde seu filho nessa guerra aos pobres, essa não é a primeira peça que assisto que fala sobre isso. A peça não teve a mesma repercussão que “Macacos”, do Clayton Nascimento, porém é igualmente necessária, pois como vivemos em uma cidade na qual esses fatos se repetem é necessário que falemos disso sempre que for oportuno, embora seja um tema que nos cause dor. Dito isso, sigo os preceitos Hedonistas que nos aconselham a fugir da dor e buscar o prazer e passo a falar das peças que atuei; e visto que escrevo sobre inspiração de “o elogio da loucura”, que diz que os melhores prazeres não devem ser gozados sozinho, falarei de cada uma delas, no contexto dos grupos dos quais participei e ajudei a fundar:

13 GRUPO TEATRAL QUERO UMA CHANCE

Esse grupo formado na Lemos Brito, foi o primeiro dos quais tive o prazer de participar e foi com ele que fiz inúmeras cenas curtas e peças criadas a partir do processo das oficinas. As primeiras apresentações foram em cenas curtas de criação coletiva cujos manuscritos se perderam:



Foto 15 Grupo teatral Quero uma chance e bolsistas da Unirio. Fonte: Acervo teatro na prisão

O primeiro esquete, foi “O baile”: Por questão de tempo e espaço, não tentarei lembrar a trama dessa cena, mas ao falar delas, me vem à memória a lembrança de cada companheiro com quem atuei: Edson Vander, Edson de Souza, Elias Antônio, Joaquim Luiz, Nacyr da Silva, Jairinho, José, Harlei entre outros, um dos quais era conhecido pelo apelido “Baratão”. A cena foi “o maior barato”.

O segundo foi “Rádio era uma vez”: que foi encenado junto com os mesmos companheiros.



Foto 16 O baile, Grupo teatral quero uma chance. Fonte: Acervo teatro na prisão



Foto 17 Rádio era uma vez, Grupo teatral quero uma chance
Fonte: Acervo teatro na prisão

O terceiro foi “A outra margem do rio”, em seguida começamos a atuar em peças de autores renomados como Dias Gomes e Hilda Hilst.

13.1 o pagador de promessas

“O pagador de promessas”, trata-se de uma peça de Dias Gomes na qual eu atuei como Zé do burro.



Foto 18 – O pagador de promessas, Grupo teatral Quero uma chance
Fonte: Acervo teatro na prisão

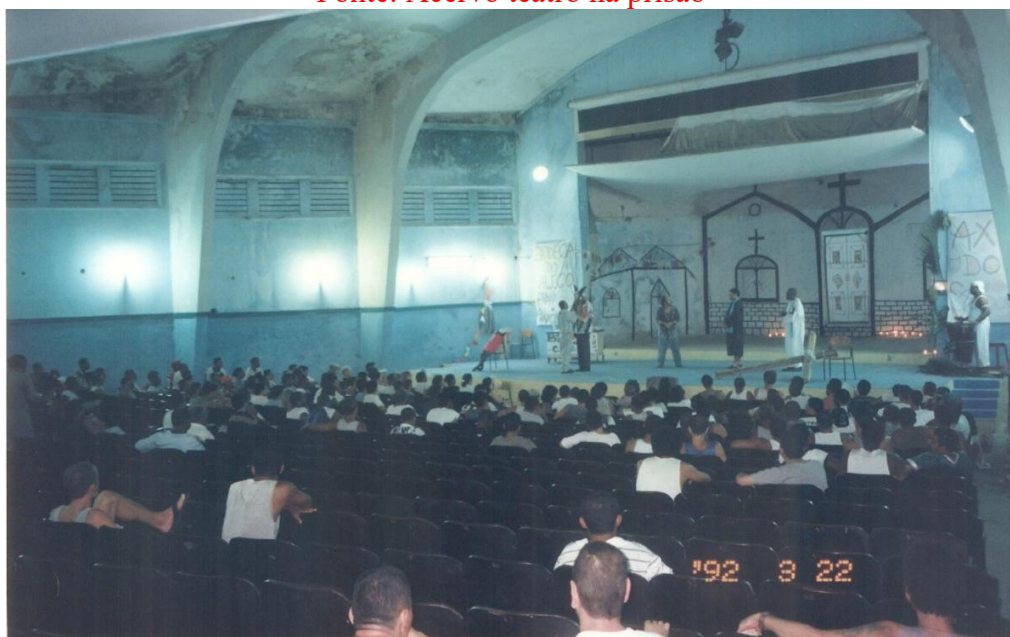


Foto 19 – O pagador de promessas, Grupo teatral Quero uma chance
Fonte: Acervo teatro na prisão



Foto 20 – “O pagador de promessas” Grupo teatral Quero uma chance.
Fonte: Acervo teatro na prisão

A partir da qual me tornei um leitor das obras de Dias Gomes, esse autor que muito admiro. Enfim, apesar de estar tentando ser conciso, preciso dizer que há poucos dias, num evento do teatro na prisão foram exibidas imagens desta peça e foi prazeroso me ver em cena, com saudosos companheiros, atuando num cenário que eu mesmo fiz e carregando uma cruz que eu ajudei a fazer. Como dizem, que uma imagem fala mais do que mil palavras, minha intenção é encerrar esse parágrafo postando algumas fotos, antes, porém gostaria de dizer que as lembranças da peça estão sempre voltando em minha memória, pois é muito comum eu passar pela estátua de Dorival Caymmi próximo ao forte de Copacabana; e como usamos uma de suas músicas na nossa trilha sonora, essas lembranças fazem parte de minha vida. Recentemente assisti “O pagador de promessas” no teatro Laura Alvim, com Diogo Vilela (como Zé do burro) e me emocionei muito lembrando cada palavra dessa grande peça. A poucos dias, ao participar de um evento sobre cultura da campanha do Tarcísio Motta para a prefeitura, a Luciana Boiteux, sentou-se do meu lado e em poucas palavras conversamos sobre a peça, que ela a assistiu, a convite do nosso diretor Bruno Rodrigues.

13.2 o verdugo

A quinta peça por mim encenada foi “o verdugo” de Hilda Hilst. Essa grande autora, que após 40 anos produzindo literatura sem conseguir muitos leitores, resolve escrever “O caderno rosa de Lori Lamby” (sua obra mais polêmica), como forma de promover o debate sobre o mercado editorial, em seguida escreveu Contos de escárnios e A obscura senhora B. Levantamento realizado por Destri e Folgueira[21], autoras da mais recente biografia da escritora, aponta que o interesse midiático por Hilst literalmente explodiu após a publicação da tetralogia obscena: as biógrafas identificaram cerca de 90 reportagens sobre Hilda concentradas naquele período.

Dito isso volto a falar da peça “O verdugo” da qual eu participei sob direção da Professora Maria de Lourdes Naylor Taylor e Wagner Pinheiro.



Foto 21 – O verdugo, Grupo teatral Quero uma chance.
Fonte: Acervo teatro na prisão

A peça, escrita no período da ditadura militar, fala de um verdugo que se recusa a executar um homem que foi condenado à morte, por falar coisas que incomodavam aos poderosos; durante a peça os personagens fazem citações aos homens coyotes, que viviam na moita esperando a hora certa de mostrar suas garras e dentes de coyotes. Durante o processo a professora Lurdinha pediu que eu escrevesse o texto que vai a seguir, para finalizar a peça:

“Num país onde diariamente milhares de crianças não têm acesso ao alimento, a cultura e a educação. Querer o aumento das penas e a diminuição da maioria penal é fazer da justiça instrumento de vingança e catarse de instintos bárbaros!!! É voltar às trevas ao invés de seguir rumo às luzes das ideias em busca do homem ideal! É prosseguir como rebanhos de ovelhas, guiados por políticos lobos e vendilhões dos templos vestidos de pastores! Que enquanto roubam nossas riquezas, nos fazem acreditar que as pessoas mais pobres que cometem crimes, são malvados maiores do que aqueles que fabricam, vendem ou compram armas e movidos por ambições supérfluas, provocam guerras onde um pobre mata outro pobre por causa das drogas traficadas nos navios, nos aviões e nos helicópteros dos mais ricos! – “O homem nasce bom, mas pode se tornar mal assim como pode se tornar doente”! Mas assim como o doente, se for tratado, pode voltar a ser sadio! O homem a quem chamamos mal, se for ressocializado, pode voltar a exercer os seus direitos de cidadão! Somos seres mutantes, corpos e pensamentos que se transformam a cada instante! Produto do alimento que comemos, resultado da educação que recebemos! Tudo se transforma! Nada é constante! Já não somos agora o que éramos antes! As espécies que não se adaptam desaparecem! É preciso distribuir a renda e dividir o pão! E dar a cada criança: Alimento, cultura e educação e todas as condições necessárias à sua subsistência, a fim de que nenhuma criança, ao crescer, se veja na necessidade de cometer crimes para ser presa ou morta depois! – O que as crianças são aprendem na escola da vida, criança não nasce má e escolhe ser bandida!!! (Sobe na cadeira) – Basta de Guerras! Basta de famintos! Basta de prisão! Basta de torturas nas prisões! O homem não foi feito para arrastar correntes! Mas para abrir asas!!!” (SODRÉ, texto incluído na peça “O verdugo”, 2006)

14 SAINDO DA MOITA

Abro aqui outro parêntese para falar do meu encontro com o Wagner no dia 14/12/2025, durante a manifestação contra a impunidade. O encontro foi por acaso e ficamos conversando por algumas horas, durante e após a manifestação. Cantamos, dançamos, bebemos, fumamos, gritamos bordões e tudo o mais, que faz parte desse momento Dionisíaco, com os corifeus presentes no trio elétrico e o coro de milhares de pessoas ecoando os gritos de protestos e cânticos contra essa corja de golpistas.

Durante nossa conversa, chegaram o Carlos Tonelli e a Daniele Abreu, falamos de política e de teatro na prisão, visto que a Daniela e o Carlos, assim como nós, tem experiência no contexto prisional, falamos um pouco da ETP, do Augusto Boal, e após a saída da Daniela e do Carlos, conversamos um pouco sobre a peça, “O verdugo”, de Hilda Hilst. Hoje entendo que sair da moita e mostrar garras e dentes, é ir para as ruas se manifestar e juntar a voz a de todos os outros que lutam para preservar a democracia. acredito que coyotes são todos aqueles que querem lutar por um mundo melhor; e a hora de sair da moita é agora, pois como disse Brecht, “a cadela que pariu o fascismo, ainda está fértil”.



Foto 22 – Escola de teatro popular, Grito dos excluídos, 2025.
Fonte: Acervo da ETP

Enfim após a experiência dessa manifestação, resolvi acrescentar um parágrafo para falar de “O verdugo” e me lembrei de outra peça que marcou minha vida, “O pagador de promessas”, na qual, ao ser impedido várias vezes de entrar na igreja para cumprir sua promessa, meu personagem, zé do burro, falou: “a vontade que eu tenho é de jogar uma bomba! Depois, iniciou uma greve de fome, durante a qual se debateu toda a injustiça desse regime capitalista: a questão da reforma agrária, da imprensa parcial e da intolerância religiosa. O tempo mostra que essas questões não serão resolvidas com bombas, pois há milhões de anos o homem caça, faz guerras e joga bombas, e nada mudou. Se isto for instinto estamos condenados a nos matar até o último homem, mas se for cultural ainda há esperança, pois, como disse Paulo Freire, a educação muda o homem e o homem muda o mundo! Será que muda mesmo?

Não pretendo aqui fazer uma análise da obra de Dias Gomes, mas sua vasta obra me faz refletir que há formas metafóricas e subjetivas de se jogar uma bomba nesse sistema injusto. Hoje dia 17/12/25, ao retomar essa narrativa, me dou conta de que num sentido metafórico, “sai da moita” e tenho “jogado algumas bombas”, posto que, além das peças que apresento em prisões e unidades socioeducativas, tenho ido às manifestações e apresentado peças de agitação e propaganda, que como disse Augusto Boal, são “ensaios para a revolução”.

Enfim começo a tomar consciência do que significa usar o teatro como arma, como Boal, Dias Gomes, Abdias e inúmeros pensadores como Brecht fizeram. E como um sobrevivente do cárcere e leitor de Dostoiévski, Leon Tolstói, Anton Tchecov, Vitor Hugo, Marques de Sade, Antonin Artaud, Jean Genet, Plínio Marcos, Graciliano Ramos e tantos outros que escreveram dentro de, ou sobre prisões, quero entender, o porquê da “proibição” das manifestações culturais nos estabelecimentos prisionais.

No presente trabalho, faço apenas essa reflexão superficial a esse respeito, pois nesse mundo capitalista, ainda não tenho condições de sobreviver e aprofundar essa pesquisa, mas sempre que tiver oportunidade, usarei minha voz escrita e falada para que esses assuntos não sejam esquecidos, por isso, termino esse parágrafo parafraseando o que disse Antonin Artaud: “Não quero que os gritos que ecoam nos cárceres sejam esquecidos, quero que eles sejam ouvidos”.

15 GRUPO TEATRAL DAKADEIA

Ainda na Lemos Brito, ajudei a criar esse grupo, que foi dirigido pelo Hugo, um preso Uruguaio que já tinha experiência em teatro. Junto com outros amigos encenamos “A farsa do advogado”, uma peça na qual eu fiz um comerciante desonesto que foi enganado por um advogado ainda mais desonesto, que por sua vez, foi enganado pelo cliente que pretendia enganar. A título de esclarecimento devo dizer que foi a partir dessa peça que entendi, por que no mundo do crime, é comum dizer que os advogados são os maiores ladrões.

15.1 a farsa do advogado

A farsa do Advogado ou "La Farce de Maître Pathelin", trata-se de uma peça de teatro francesa composta por volta de 1460. A autoria da obra é atribuída a Pierre Blanchet ou a Antoine de La Sale; é uma sátira da justiça e da sociedade da época, e é considerada uma das primeiras comédias francesas. Ela é conhecida por sua linguagem espirituosa e sua crítica social; a trama gira em torno de Maître Pathelin, um advogado astuto e desonesto que se especializa em enganar as pessoas para obter dinheiro e vantagens.

16 GRUPO TEATRAL KRIADAKÍ

Esse foi um grupo criado há quinze anos na penitenciária de segurança máxima, Alfredo Trajan, conhecida como Bangu II, o grupo foi fundado junto com o Adriano Rodrigues, Jonas Paulista, Welington Rodrigues, Renatinho, Sérgio e o Poeta Edilberto Soares, e “Os saltimbancos” foi a primeira peça que dirigi.



Foto 23 – Os Saltimbancos, Grupo teatral kriadaki. Fonte: Acervo pessoal

Falar desse processo é uma prova de que o universo conspira a teu favor quando você está com o coração puro. Tudo começou no presídio Hélio Gomes no centro do Rio de Janeiro. Ao começar a trabalhar na escola dessa cadeia, solicitei à diretora permissão para fundar um grupo de teatro. Após me dar apoio nessa iniciativa, a mesma teve que comunicar ao diretor da prisão a minha intenção, em resumo, quando o diretor ficou sabendo quem eu era, me transferiu imediatamente, para o complexo penitenciário de Gericino, alegando que minha pena era alta e que eu poderia fugir e complicar a sua administração, enfim enquanto estava na viatura a caminho do Gericino, achava que estava indo ao encontro da morte, pois a penitenciaria Alfredo Trajan era o reduto de uma quadrilha de matadores pelos quais estava jurado de morte, por causa de meu conflito em Bangu I, por um momento pensei em pedir para ir para o seguro (uma cela reservada aos presos que correm risco de serem mortos), mas meu orgulho falou mais alto e resolvi pagar para ver, quando entrei para o coletivo, um cara de má fama me chamou na grade, enquanto caminhava em sua direção disfarcei o meu medo, pois pensei na possibilidade

de ele ser o portador de uma ordem para me matar, pois a grade estava cheia de presos conversando com ele, quando eu cheguei ele me entregou um bilhete, no qual alguns amigos que haviam feito teatro comigo na Lemos Brito estavam em outra cela próxima e estavam pensando em fazer uma peça, enfim quis o universo que a diretora da escola dessa penitenciária, fosse uma entusiasta do teatro que tinha uma pequena empresa de bufe e animação de festas e com a sua ajuda conseguimos autorização para fazer uma peça, e o universo conspirou de uma maneira tal, que nessa prisão administrada por um coronel linha dura da polícia militar, tinha uma vice diretora que já havia feito teatro em épocas passadas e por acaso tinha uma adaptação de “Os saltimbancos”, eu não conhecia o texto, mas ao lê-lo, não tive dúvidas de que deveria fazê-la, pois o texto era bom e estávamos próximos da festa do dia das crianças e a vice diretora prometeu convencer o coronel a autorizar que apresentássemos a peça na escola e depois no pátio de visitas. Em resumo, após passar por inúmeras situações negativas tudo terminou bem, assim como disse o personagem de Voltaire em seu livro “Cândido ou o otimista”: – *Todos os acontecimentos – dizia às vezes Pangloss à Cândido – estão devidamente encadeados no melhor dos mundos possíveis*. Todos os acontecimentos estão devidamente encadeados no melhor dos mundos possíveis (VOLTAIRE, 1978, p. 308).

Enfim essa peça foi muito importante em nossas vidas, pois agradou a todos aos que a assistiram, entre eles, o Secretário de Assuntos Penitenciários, o diretor da cadeia, o deputado Marcelo Freixo e o Rapper MV Bill, a peça agradou tanto que o coronel e diretor da cadeia, mandou vir um micro-ônibus da polícia militar e nos levou pessoalmente para nos apresentar na penitenciária feminina Nelson Hungria e na penitenciária masculina Plácido de Sá Carvalho.

16.1 as sementes

Trata-se da primeira peça que escrevi, dirigi e atuei: é uma peça na qual falo de ex-presidiários que conheceram o teatro na prisão e saíram da cadeia com o objetivo de fazer teatro e fundar um projeto social para valorizar a cultura da favela onde nasceram. O que um dia foi apenas uma obra de ficção, hoje é realidade, visto que junto com alguns amigos, fundamos a associação cultural Kriadakí, que hoje tem sua própria sede na favela do Jacarezinho, uma das maiores favelas da cidade do Rio de Janeiro, com aulas de teatro, informática, reforço escolar e um cine clube.



Foto 24 – As Sementes, Grupo teatral kriadaki. Fonte: Acervo pessoal



Foto 25 – Sede do Grupo teatral kriadaki Fonte: Acervo pessoal



Foto 26 – Aulas de teatro no projeto do Grupo teatral kriadaki.
Fonte: Acervo pessoal



Foto 27 – Reforço escolar no projeto do Grupo teatral kriadaki.
Fonte: Acervo pessoal



Foto 28 – Aulas de informática, projeto do Grupo teatral kriadaki
Fonte: Acervo pessoal



Foto 29 – Cine clube, no projeto do Grupo teatral kriadaki. Fonte: Acervo pessoal

16.2 dois neurônios numa mente suja

É uma licença poética, a partir de “Dois perdidos numa noite suja”, na qual as personagens de Plínio Marcos: Tonho, Negão e Carocinho, são presas e conhecem o teatro na prisão; e ao saírem resolvem fundar um grupo, para usar o teatro para denunciar as condições desumanas das favelas e dos cárceres.



Foto 30 – Dois neurônios numa mente suja, Grupo teatral kriadaki. Fonte: Acervo pessoal

NEGÃO – (após ler a mensagem no WhatsApp) É a Maria... (apavorado) – Está dizendo que a polícia está invadindo todos os barracos!

CRIADOR – (narrando) Negão vai até um canto e volta com uma grande bolsa de sacoleiro, pega um fuzil e “dá o golpe”, (para a plateia) – Convém explicar que nesse caso, “dar o golpe” significa trazer a alavanca de manejo para traz e soltar, para municiar a arma. (Estende a mão passando a palavra)

NEGÃO – Viver ou morrer!!! Eis aí a questão: Será mais digno suportar a violência e o destino adverso, ou pegar em armas contra todas as dificuldades, enfrentá-las e dar-lhes fim? – Porque sofrer novamente num sistema opressor: a tortura, os espancamentos, a recusa da justiça em conceder os poucos direitos que temos, se eu posso por mim mesmo alcançar a paz, combatendo até a morte? – Prefiro uma morte rápida a voltar para a cadeia e morrer

lentamente, cada dia uma morte diferente: os maus tratos, o abandono, o ócio, a miséria, cada dia com a sua dor! (Deita no chão em posição de combate) – Porque sofrer todos esses males, se eu posso fugir deles com um simples balaço! – Eu nasci livre! E livre prefiro morrer!

CRIADOR – (narrando) Carocinho pega um fuzil, “dá o golpe” e também se posiciona para o combate!

CAROCINHO – Numa rebelião vi um cara levar um tiro e cair no durinho, não teve tempo nem de dizer um ai! – Prefiro uma morte destas, a voltar para a cadeia! Fecho contigo negão até a última bala. – O primeiro que botar a cara vai ficar de bigode para o alto!

CRIADOR – (narrando) Tonho vai até as armas, pega um fuzil e também “dá o golpe” e se prepara!

NEGÃO – Qualé? Tonho! Você está querendo mudar de vida! – Larga essa arma e se entrega cara!

TONHO – Você acha que quando a polícia invadir, eles vão acreditar que vim aqui chamar vocês para fazer teatro? (Silêncio... após olharem entre si, olham para a plateia) (SODRÉ, 201. Não Publicado)

16.3 nem com uma flor

Durante a pandemia da covid19, o grupo de teatro do qual faço parte, recebeu de uma ONG, uma verba de uma emenda parlamentar, para escrever e apresentar uma peça de teatro inédita, com o tema “Feminicídio e violência contra a mulher”; e como a minha iniciação no teatro se deu no interior do sistema penitenciário, resolvi falar das torturas e violências que as mulheres sofrem nas delegacias e no sistema penal.

Como estávamos no período pandêmico, optamos por um trabalho híbrido misturando a linguagem do teatro com o áudio visual. “A divina comédia” de Dante Aligeire, foi a inspiração para contar essa história, guiando o olhar do espectador por esse “inferno Dantesco”, que foi da “casa da morte” em Petrópolis, (um dos mais tenebrosos locais nos quais a ditadura militar torturava os seus opositores), até uma penitenciária, passando antes por uma sala de tortura de uma delegacia; locais nos quais ainda hoje a democracia maltrata e tortura os seus prisioneiros:



Foto 31 – Nem com uma flor, Grupo teatral kriadaki. Fonte: Acervo pessoal

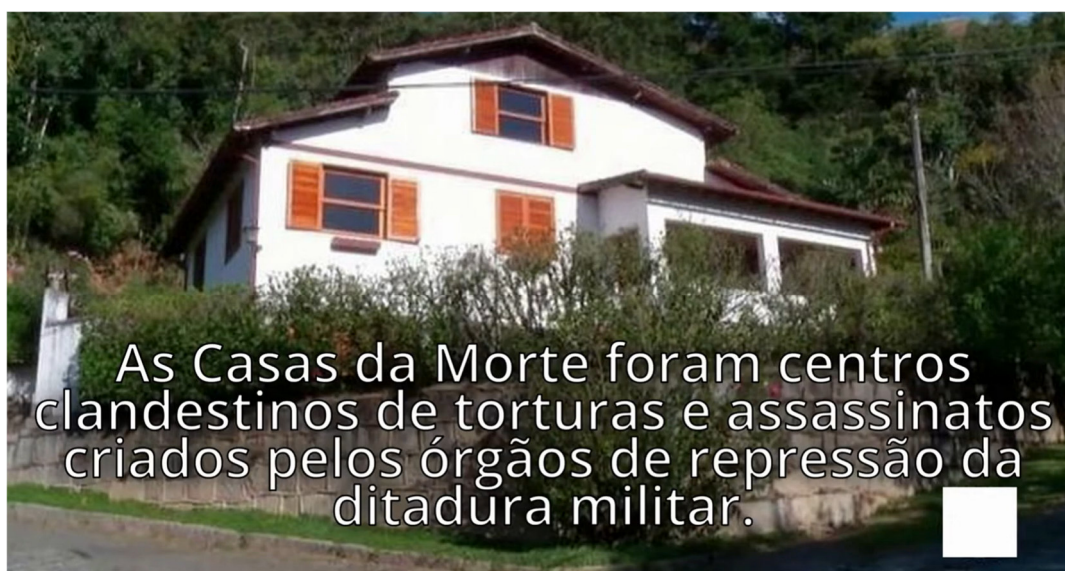


Foto 32 – Nem com uma flor, Grupo teatral kriadaki. Fonte: Acervo pessoal

(Penumbra de uma prisão, vislumbra-se vultos e ouve-se barulho das grades sendo sacudidas e gritos)

– Dá atenção na galeria!

– A presa está passando mau!!!

– Comé quié, já faz uma hora que tamo balangando!!! E vocês não dão atenção!!!

– Isso é omissão de socorro!!!

Luísa – (botando a cara na grade) A companheira morreu mulherada!

Maria – Já é a segunda esse mês, porra!!!

*Luísa – Vamos virar a cadeia e botar fogo nos colchões!!!
(Barulho de ferros batendo nas grades)*

Rebeka – Vamos botar pra fuder! E só vamos parar quando o Juiz vier dar atenção! (Após muito barulho de ferros batendo nas grades, produzir uma imagem sonora de intervenção da tropa de elite com sons de tiros, bombas e latidos de cachorros e gritos de xingamentos)

Voz em off:

– Acabou a palhaçada porra!!! Se isso aqui é o inferno agora vocês vão conhecer o capeta!

– Todo mundo pelada!

– Coloca a mão na cabeça e vai saindo abaixada uma atrás da outra!

– Suas vagabundas...

– Que que tá olhando? Baixa a cabeça porra!

– Arrasta o cu no chão suas vadias

*– E você aí o sapatão! Vai apanhar igual um homem!
(gargalhadas)*

– (imagem sonora com gritos e sons de espancamento)

Voz em off – (poema navio negreiro) Senhor Deus dos desgraçados! Dizei-me vós, senhor Deus! Se eu deliro ou é verdade tanto horror perante os céus!

(meninas retornam para as celas e encontraram tudo jogado no chão)

Luísa – Não acredito! (Mostrando coisas jogadas pelo chão). Olha só! (Revoltada e falando alguns palavrões). As coisas que minha mãe trouxe com tanto sacrifício... o pó de café... o leite, o

açúcar, os biscoitos... jogaram tudo no chão e espalharam sabão em pó em cima!

Maria – (revoltada e falando alguns palavrões). Será que eles aprendem isso no curso de formação ou é maldade mesmo? Porque tanta violência?

Luísa – Sabe-se lá! Nem Freud explica! Sempre dizem que é culpa do capeta!

Maria – Também não sei explicar essas coisas! Mas uma coisa é certa: violência gera violência! E disso eu entendo por que desde pequena eu venho sofrendo violência! (Vai para a grade e fala para a plateia). Quando tinha sete anos fui estuprada por meu pai, quando fiz 11 meu pai me obrigava a me prostituir com caminhoneiros! (exibir cenas e estatísticas sobre abusos contra as crianças) Quando fiz dezessete fugi com meu primeiro marido... quando ele bebia sempre arrumava um motivo pra me bater... uma vez ele me deu um soco tão forte que me arrancou um dente... outra vez um soco deixou uma cicatriz enorme no meu rosto... na sexta feira eu já tomava o remédio pra dor antes dele voltar... eu passei a ter vontade de me matar, cheguei a comprar um vidro de veneno, mas quando olhei pra minha filha não tive coragem... um dia resolvi dar um basta e disse que era melhor cada um seguir sua vida e pedi que ele fosse embora... ele disse que eu devia estar querendo fugir com outro e disse que iria me matar... um dia depois encontrei um litro de álcool e um isqueiro escondido atrás do armário... ai eu me lembrei de uma reportagem que vi na TV... o marido vivia ameaçando matar a mulher, (emocionada) um dia ele esperou ela e a filha dormir, jogou álcool e tacou fogo...

– Eu não paguei para ver! Botei o veneno na comida dele... (noutro tom) o promotor disse que sou um monstro! (pausa)

– Hoje eu me arrependo do que fiz... se tivesse deixado ele me matar teria sido melhor... seria uma morte mais rápida e menos dolorosa... hoje morro lentamente... dolorosamente... cada dia uma nova dor... o ócio, o abandono, os maus tratos, a tortura... (SODRÉ, 2020. Não Publicado)

16.4 o evangelho segundo dionísio

É uma peça em que se vê presente as influências da estética do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, e do Teatro Laboratório, de Jerzy Grotowski. O palco é um espaço vazio, o cenário é apenas uma cadeira usada na primeira e última cena, as personagens usam figurinos simples e às vezes falam parte do texto no meio da plateia.

Usando a metalinguagem, a cena traz um escritor e diretor teatral, sentado na cadeira, finalizando o texto de sua peça. O palco é invadido por um morador de rua, que

surpreende o dramaturgo, falando sobre o Teatro do Oprimido, pedindo-lhe que escreva uma cena para fazer ecoar a voz das pessoas excluídas da sociedade.



Foto 33 – O evangelho segundo Dionísio, Grupo teatral kriadaki. Fonte: Acervo pessoal

Os diálogos revelam que a opção pelo “palco nu” não surgiu como uma opção estética, mas pela pobreza do grupo; que se apropria da linguagem teatral para chamar atenção para a falta de políticas públicas para os artistas populares. Após algumas reflexões sobre a concentração de renda, o encarceramento em massa, a guerra às drogas e a diminuição da maioria penal, a peça questiona: não seria melhor garantir a cada criança, o alimento, a educação, a cultura e todas as condições necessárias à sua subsistência a fim de que, nenhuma criança, ao crescer, se veja na necessidade de cometer crimes para ser presa ou morta?

Após falar da importância da cultura e da educação e fazer uma citação a Paulo Freire, a peça conclama todos a irem ao teatro, para conhecer o evangelho segundo Dionísio e proclama: “Ide por todo mundo e levai teatro e educação a toda criatura”.

Gerônimo – (para a plateia) vocês acham que uma peça como essa vai comover a burguesia? – Para eles pessoas morrendo de bala perdida só causa comoção, se for loira, de olhos azuis, cabelos lisos e morar na zona sul.

Autor – Nisso você está certo! – E isso tem raízes centenárias! – Imagine se os burgueses se importavam, com as pessoas negras que morriam, quando os soldados invadiam os quilombos! (Para Adriano). Por isso, vamos usar nosso teatro para ajudar a

conscientizar as pessoas, que o principal meio para transformar essa dura realidade é a arte e a educação!

Gerônimo – Educação? (Puxa o Autor para fundo do palco, olha para os lados e sussurra) – Não seria melhor falar de coisas menos perigosas!

Autor – Como você disse, (aumenta o tom) quem tem medo de cagar não come! (Sobe na cadeira) – Educar é dever de todos! Se nada fizermos, irão reescrever os livros de história e seremos obrigados a ouvir dizer que não houve ditadura e que Hitler era de esquerda! – E os racistas dirão que os africanos atravessaram o oceano nadando para vir ao Brasil se oferecer como escravos!

Gerônimo – Então é melhor agir logo antes que reescrevam a Bíblia também!

Autor – A bíblia **eles** já devem ter reescrito há muito tempo, por que antigamente você ia na igreja e o pastor fala que Jesus Cristo, expulsou os vendilhões do templo e ensinou a dividir o pão e os peixes e o seu maior mandamento era “amai-vos uns aos outros”, depois ele abria a Bíblia e lia as palavras de Jesus “Deixai vir a mim as crianças, porque delas é o reino dos céus”, agora os vendilhões estão de volta exigindo dígitos e ofertas e vendendo tudo o que os façam mais ricos e como se não bastassem estão fazendo a igreja de palanque eleitoral para um grupo de políticos que junto com um falso messias pregam ódio e violência e seu único mandamento é “Armai-vos uns contra os outros! ” E se nada fizermos, eles vão querer que acreditemos que a terra é plana e que o sol gira em torno dela.

Gerônimo – Não conseguirão nos impor tamanha burrice, sempre haverá um professor para combater a ignorância!

Autor – Mas aí é que está a questão! O dever de educar não é só dos professores! – Se os reacionários criaram um novo evangelho, que prega violência e ignorância, temos que proclamar “o evangelho de Dionísio”: “ide por todo o mundo” e levai teatro e educação a toda criatura! (Joga panfletos do grupo para o alto)

Gerônimo – Muito bom isso que você disse! Com quem você aprendeu? Paulo Freire?

Autor – (salta da cadeira) não diga esse nome! (Olha para os lados) – Já falamos o nome do Boal, Amir Haddad, Abdias Nascimento e agora você vem falar de Paulo Freire! Os fascistas poderão dizer que isso aqui é um encontro de comunistas!

Gerônimo – Se está com medo, vou refazer a pergunta! Onde aprendeu isso?

***Autor**– (pausa) foda-se o medo! É ele que faz com que aceitemos que uma minoria monopolize toda riqueza enquanto a maioria mal tem o que comer! (Sobe na cadeira e grita) – Viva Paulo Freire! – Viva Augusto Boal! Viva Amir Haddad! Viva Abdias Nascimento! Viva todo aquele que tem a ousadia de pensar e de agir! (Muda o tom), pois graças a eles nunca se conseguiu impor a humanidade inteira, uma só religião, uma só filosofia e uma só concepção político social! E jamais se conseguirá! Pois sempre haverá alguém a defender a bandeira do livre pensamento! (SODRÉ, 2020. Não Publicado)*

17 FUGA COLETIVA

Esse é um grupo formado no seio do projeto teatro na prisão, após encontrar ao acaso com a professora Viviane Narvaes numa das ruas do bairro do Catete, após quase um ano sem nos ver, creio que o universo tenha conspirado para que nos encontrássemos,

num momento no qual ela estava retornando ao Rio de Janeiro após terminar o seu doutorado feito na USP, em São Paulo. Após uma conversa trivial ela me convidou para fazer a leitura dramatizada da peça “A fuga” de Tennessee Williams. Como sou “daqueles que só dizem sim”, pouco tempo depois estávamos numa sala de ensaio junto com Luan de Almeida, Lindomar e Duany, nos preparando para a leitura dramatizada que foi feita para os estudantes americanos da universidade de Michigan, que estavam no Brasil num programa de intercâmbio, com a UNIRIO. Ficamos muito satisfeitos com o resultado e por isso resolvemos encenar a peça, para isso resolvemos acrescentar uma dramaturgia construída a partir de nossas experiências no teatro na prisão, nos acontecimentos de violência que alimentavam as notícias nas mídias cariocas e com alguma contribuição de minha passagem pelo sistema penitenciário, e foi nesse contexto que escrevi o texto “a revolta das bananas” no qual eu narro a primeira rebelião pela qual passei na antiga penitenciária Esmeraldino Bandeira no complexo penal de Bangu. No ano seguinte apresentamos essa peça no palco da UNIRIO. Após essa apresentação iniciou-se a pandemia da COVID-19, foi então que eu ganhei o direito à prisão domiciliar e fui para a casa da minha mãe em São Mateus Estado do Espírito Santo, de onde me comunicava com o restante do grupo e resolvemos continuar virtualmente o trabalho, que havíamos iniciado, isso foi fundamental para manter a minha saúde física e mental. Desses encontros resultaram a criação de um filme curto “quem tem boca vai (a) ” e a desmontagem da peça “mostre-me a saída”, ambos contemplados com a lei Aldir Blanc.



Foto 34 – Mostre-me a saída, Grupo fuga coletiva. Fonte: Acervo pessoal

Esses encontros virtuais contribuíram muito para eu suportar o período pandêmico. Ao retornar para as aulas presenciais, fomos convidados a apresentar a peça em São Paulo na casa da fúria, desde então não perdemos os vínculos e atualmente estamos nos organizando para voltar à sala de ensaios para criarmos outra dramaturgia coletiva.

18 BOA OUVINTE

Em um TCC no qual falei de alguns amigos, eu não poderia deixar de falar da Geovanna, pois durante nossa graduação essa “maconhista” foi a amiga com a qual eu mais conversei. No dia que marca o término de minha pena, nos encontramos por acaso e almoçamos juntos na reitoria, depois fomos até a UFRJ, onde tivemos uma longa conversa sobre variados assuntos: o meu TCC, o término de minha pena e principalmente do sofrido processo do final de quinze anos de parceria no grupo de teatro Kriadakí e do afastamento da ONG que ajudei a fundar, ainda dói falar sobre esse rompimento, mas foi necessário. Por fim antes de sair, falamos sobre as sensações que aquele lugar me provocou graças a semelhança que aquele espaço físico, pertencente ao DCE da UFRJ, tem com uma prisão, pois tem uma sala cheia de grafites e frases escritas nas paredes e o espaço tem o tamanho e semelhança com muitas carceragens pelas quais eu passei ao longo do cumprimento de minha pena; contudo o que mais mexeu com minhas sensações, foi uma enorme grade de ferro, com um portão trancado com corrente e cadeado, que durante nossa conversa foi aberto e fechado algumas vezes, fazendo o mesmo barulho que as grades e as portas de algumas prisões por onde passei.

Como eu falei a conversa foi longa e antes de sair, fiquei um tempo em pé, sentindo as impressões daquele ambiente e as recordações que ele me trouxe. Pela minha cabeça passou um filme, que eu não poderia narrar, pois não haveria como descrever tudo em um TCC.

O que me faz perceber que já devo ter cumprido as normas técnicas e acadêmicas exigidas para a obtenção do canudo.

Antes de ir para o bar, me atenho às conversas com o velho “Wilson camburão”, e ao Livro a “Fuga”: rumo à luta armada contra a ditadura, de André Borges e minhas recordações, para dizer que não poderia botar o ponto final nesse trabalho, sem voltar a falar, que na história da cultura nas prisões, está registrado, que a partir da década de noventa, em pleno regime democrático, a cultura foi gradativamente sendo proibida, até que (por razões que a razão desconhece) em 2023 o projeto de extensão “teatro na prisão” da UNIRIO, não conseguiu renovar o convênio para continuar o trabalho que vinha sendo executado desde 1997.

Se os leitores conhecem os espaços físicos e as manifestações culturais que haviam em algumas penitenciárias antigas, como a Lemos Brito, na rua frei Caneca, Rio de Janeiro; concordariam que é contraditório que os cárceres da democracia, confinem os presos em espaços físicos mais opressores do que as penitenciárias que existiram na ditadura e ainda façam da tortura um método de investigação, o caso Amarildo da Rocinha é um dos exemplos destas práticas, que continuam acontecendo com a aprovação de uma boa parte dos políticos reacionários e seus eleitores e boa parte daqueles que não querem ver, que estas práticas não são condizentes com um regime democrático, que ao proibir as manifestações culturais aos presos estão tentando prender até mesmo os seus pensamentos.

18.1 a divina comédia (ou o inferno de dante)

Conforme já foi dito, a primeira vez em que fui preso, em mil novecentos e oitenta e seis, eu passei pelo pior ritual de tortura, entre os que já sofri ao longo de meu cumprimento de pena e alguns meses após isso, fui transferido para uma cadeia na qual os presos tinham o direito de transitar pelos pátios e galerias, durante o dia, em uma delas, ao chegar fui recebido com um abraço por um amigo que depois deu um role comigo, para mostrar a cadeia e me apresentar seus amigos. É irônico dizer que a analogia com a divina comédia me acompanhou até o momento final de minha permanência no “inferno”, pois quando finalmente, ganhei a progressão de pena e minha transferência para uma penitenciária da qual eu começaria a ir à rua trabalhar, alguns amigos me abraçaram desejando boa sorte e um deles me acompanhou até o portão de saída.

Por fim concluo a narrativa dessa jornada na qual, assim como a Divina comédia de Dante Alighieri, tive os meus guias no inferno e no paraíso, a primeira parte nos variados círculos do inferno que é o sistema penitenciário carioca, a segunda no paraíso que é para mim essa universidade, onde passei os melhores anos de minha vida, nas salas de aula, sala do teatro na prisão, corredores e “na Jamaica” um lugar de encontro e proveitosas conversas, enfim um jardim, do qual ninguém foi expulso por consumir “o fruto proibido”.

Enfim, termino essa monografia, lembrando aquele dia chuvoso no qual, após o baseado e a longa conversa, minha amiga Geovanna, me acolheu em baixo de seu guarda-chuvas, me deu o braço e tal qual a Beatriz, me guiou até a saída do campus, e assim

início um novo ciclo e sigo caminhando, pois como disseram os poeta Jorge Luiz Borges: "O caminho não tem fim. / Não há fim, não há começo. / O caminho é o que se faz..." (BORGES, 1985).

E Antônio Machado: "Caminhante, não há caminho, / o caminho se faz ao caminhar" (MACHADO, 2001, p. 84).

18.2 enfim o fim

Devo vos dizer que tudo o que foi escrito até aqui, foi feito há quase dois anos atrás, pois pretendia defender essa monografia logo após o dia 15 de Maio de 2024, ano no qual julgava que minha cadeia iria acabar, por isso, agora em 2026, ao retomar a revisão e formatação deste trabalho, resolvi não sofrer e acrescentar apenas mais um ou dois parágrafos antes de concluir.

19 MUDANDO A CENA

Durante esses últimos cinco anos, eu e o Adriano fizemos aproximadamente quatrocentas apresentações da peça “o evangelho segundo Dionísio”, para adolescentes em conflito com a lei. Tudo começou em 2018, após nos apresentarmos num evento promovido pelo projeto teatro na prisão coordenado pelas professoras Natalia Fiche e Viviane Narvaes; em parceria com a escola de pedagogia.

Numa conversa após a apresentação, nós oferecemos como voluntários e fizemos aproximadamente cem apresentações no projeto “a voz do adolescente”, um projeto desenvolvido entre o serviço de psicologia da Vara de infância e juventude, na época Coordenado pela Professora e psicóloga Marlize D’Icarai, em parceria com um projeto de extensão da escola de pedagogia da Unirio, coordenado pelas Professora e Psicanalistas Lucia Peres e Rita Manso.



Foto 35 – Centro cultural museu da justiça, O evangelho segundo Dionísio
Fonte: Acervo pessoal



Foto 36 – Centro cultural museu da justiça, O evangelho segundo Dionísio.
Fonte: Acervo pessoal

Em seguida após uma apresentação no museu Arthur Bispo do Rosário, conhecemos o Bob Montinard e a Mélanie Montinard, fundadores da ONG Mawon, pelos quais temos muita gratidão, pois nos convidaram para uma apresentação num evento que organizaram na Biblioteca do consulado da França; e além de pagar o nosso primeiro cachê, nos apresentou ao Diretor de Cultura esporte e Lazer do DEGASE, Alexssander Martins, graças ao qual iniciamos nossa parceria como voluntários no DEGASE, no qual fizemos aproximadamente duzentos e sessenta apresentações, cem delas como voluntários nos anos 2021 á 2023 e as outras cento e sessenta feitas em 2024 e 2025, graças a duas emendas parlamentares recebidas da Deputada Benedita da Silva, que assim como a família Belfort, acreditou em nosso grupo de teatro.



Foto 37 – Museu Arthur Bispo do Rosário, Dois neurônios numa mente suja.

Fonte: Acervo pessoal

O nome desse projeto é “mudando a cena”, no qual apresentamos a peça e realizamos uma roda de conversa, na qual ao falar de nosso envolvimento no crime e relatar nossa trajetória nas diversas cadeias em que passamos, iniciamos uma conversa com a intenção de leva-los a refletir sobre a trajetória de vida deles. A qual poderá leva-los a passar por coisas piores do que a que passamos; pois agora quem for condenado a penas longas terá que tirar 40 anos no regime fechado.



Foto 38 – DEGASE-RJ, O evangelho segundo Dionísio. Fonte: Acervo pessoal



Foto 39 – DEGASE-RJ, O evangelho segundo Dionísio. Fonte: Acervo pessoal



Foto 40 – DEGASE-RJ, O evangelho segundo Dionísio. Fonte: Acervo pessoal

19.1 Capitães da areia

Nossa fala é centrada em nossas experiências, mas sempre que possível citamos os personagens, Pedro Bala, Pirulito, Professor, João Grande; do livro “Capitães de areia”, de Jorge Amado; como exemplos de adolescentes que mudaram suas vidas após envolvimento com o crime. Não me alongarei nesse parágrafo, mas julgo necessário dizer que esse livro, aliado a minha infância, pobre e as vivências e convivências com meninos de origem pobre é o que me move enquanto professor e dramaturgo, como está posto em meu monólogo “O mundo cão”.

19.2 A vida é sonho

Que é a vida? Um frenesi. / Que é a vida? Uma ilusão, / uma sombra, uma ficção; / e o maior bem é pequeno; / que toda a vida é sonho, / e os sonhos, sonhos são (CALDERÓN DE LA BARCA, 1973, p. 112).

Durante uma das rodas de conversas após a apresentação da peça, comentei com os adolescentes, que quando estava preso, as vezes eu sonhava que estava em liberdade; e quando acordava e via que estava preso, caía em desespero, pois sabia que teria que tirar 30 anos, vários deles disseram que também tem esse tipo de sonho - que eu julgava ser mais comum na prisão de adultos. Após ouvir suas falas, retomei a palavra e disse que agora que estou em liberdade, de vez em quando sonho que estou preso; e quando acordo e vejo que estou em liberdade, sinto uma alegria muito grande. Em seguida, compartilhei com eles que quando vou a alguns lugares legais, e me lembro de tudo o que passei na prisão, a sensação é tão boa, que parece que estou sonhando. Foi assim que além de Jorge Amado, Calderón de La Barca, passou a ser citado em nossas conversas, mostrando que devido ao meio e às circunstâncias em que Segismundo nasceu e foi criado, ele agiu de forma cruel e autoritária quando governou. Mas, depois de ser deposto e preso novamente e ter tempo para refletir sobre suas ações, se arrependeu de seus erros e quando teve outra oportunidade, foi capaz de governar de forma mais sábia e justa. Enfim, além de nossas experiências, citamos os personagens desses grandes autores para provocar a reflexão de que podemos “mudar a cena” e reescrever nossas histórias.

No dia 19 de novembro de 2025, ao fazer uma leitura desse trabalho verifiquei que teria que escrever um novo capítulo para falar de coisas que aconteceram nesse período que o trabalho ficou parado: A consolidação das oficinas do Projeto Teatro na

Prisão no DEGASE, a formação de uma equipe foda, para a apresentação do “Mundo
Cão, a ida ao fórum de Paraty, o início da filmagem do Documentário “extragrades” etc.

20 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebi o quão vasto é esse assunto e decidi adiar essa narrativa e começar a me preocupar em criar um novo final para esse trabalho, mas o universo não quis que eu sofresse com isso. Dou aos prezados leitores o direito de pensar, que o final é uma obra de auto ficção, pois é difícil acreditar em tamanha coincidência.

No dia 20 de novembro, eu resolvi ir à praça quinze, ver se encontrava o Lucas, um jovem que mora nas ruas após quatro passagem pelo DEGASE; e que há mais ou menos dois anos atrás, encontrei próximo ao metrô, quando ia assistir à peça “Tráfico”, no teatro poeirinha em Botafogo. Após vê-lo sendo tratado de modo indelicado, por duas jovens, o chamei para comer um cachorro quente e o levei para assistir à peça comigo, devo dizer que ele ficou muito feliz, pois foi muito bem tratado pelo Robson Torinni, o ator da peça.



Foto 41 – Teatro poeirinha, Tráfico Fonte: Acervo pessoal

Enfim reencontrei o Lucas no sábado dia oito de novembro passado, na praça XV e ele ficou de ligar para mim, como não ligou resolvi procura-lo e ao passar pela Casa

França Brasil, eu ouvi uma diva negra cantando, “não deixe o samba morrer” e “o sol há de brilhar mais uma vez, do repertório da Alcione; e resolvi filmar por entre as grades. Enquanto eu filmava me lembrei do Maurício, Chacal e do “seu” Wilson Ramos, pois esse trio, que formava as rodas de samba no presídio de Água Santa, sempre cantavam “não deixe o samba morrer” e incluíam em seu repertório a “A voz do morro”, o qual cantavam com muito orgulho; pois diziam que Zé Kéti havia composto o samba em homenagem ao morro do São Carlos, onde eles eram nascidos, não sei se isso é verdade, mas alguma ligação com morro Zé Kéti tinha, pois foi homenageado com seu nome no condomínio localizado na Rua Frei Caneca, ao pé do Morro São Carlos lá no Estácio, onde outrora ficava a Penitenciária Lemos Brito, na qual se desenvolveu a maior parte dessa narrativa que ora encerro.

Por isso antes de me despedir deixo o meu pedido final: **NÃO DEIXEM A ARTE MORRER!**

Durante essa narrativa, eu falo da época em que a cultura estava presente nos cárceres, falo das coisas que vi e vivi, falo das coisas que os presos antigos diziam e para dar mais credibilidade cito os livros “a recordação da casa dos mortos”, “A fuga” e o documentário “O Prisioneiro da Grade de Ferro” que mostra a arte na prisão do Carandiru, onde os detentos, tinham aulas de teatro, criavam obras de arte, como pinturas e desenhos, e também produziam música, incluindo rap, samba etc.

No contexto do teatro em prisões contemporâneo, cito as professoras Ashley Lucas, Vicente Concilio, Murilo Gaulês, Ane Martins, Natalia Fiche, Maria de Lourdes Nailor, Caroline Vetori, que escreveram teses de mestrado, doutorado e livros. Como o da professora Viviane Narvaes, “O teatro do sentenciado de Abdias Nascimento: classe e raça na modernização do teatro brasileiro. São Paulo: Hucitec Editora, 2025.

Como já foi dito, no contexto do Rio de Janeiro, a cadeia onde o teatro teve mais espaço foi a penitenciária Lemos Brito, na qual me iniciei no universo do teatro. Para corroborar minha narrativa, volto a citar o livro, A fuga: rumo à luta armada contra a ditadura, do André Borges, BORGES, André. 2. ed. São Paulo: Gôndola, 2017. 240 p; pois ele escreveu no período da ditadura militar; e como também foi dito pelos presos mais antigos, apesar das torturas, assassinatos e desaparecimentos forçados, a arte fazia parte do cotidiano do sistema penitenciário.

Como futuro pesquisador, pretendo lançar um olhar, mais profundo, sobre a decadência do teatro no sistema prisional, pois percebo que esse assunto precisa ser estudado com mais profundidade, para entendermos, como que o teatro, que teve sua importância respeitada até pelo cruel regime czarista de Nicolau I, conforme consta no capítulo 9 de “A recordação da casa dos mortos”, perdeu espaço nas prisões da democracia, a ponto de o projeto teatro na prisão, não ter tido o convênio renovado com o sistema penitenciário. Lembrando as dicas de Erasmo de Roterdã, não vou torturar o cérebro, para encontrar um final apoteótico para um texto que apenas a banca e uns dois ou três gatos pintados irão ler.

Enfim, nesta quinta-feira, dia 20 de novembro, após andar pelas imediações da praça XV, à procura do Lucas; e após filmar a diva cantando o seu repertório de Alcione, na casa França Brasil, eu encontrei a Geovanna, um encontro surreal, visto se dar num momento em que novamente estou concluindo meu tcc. Enfim, o final é o mesmo da versão anterior: iniciamos uma conversa na qual eu falei do meu tcc, fumamos um baseado, bebemos uma cerveja, e após filmar a sua imagem refletida numa poça de água e descemos para pegar o metrô e cada um seguiu seu caminho.

E assim dou por terminada essa monografia e inicio um novo ciclo e sigo caminhando.

REFERÊNCIAS

ABUJAMRA, Antônio. Provocações. São Paulo: TV Cultura, [2020]. Disponível em: <https://youtu.be/oAl6m25QRiU?si=WGRYV9WGSiX8vBZ>. Acesso em: 7 abr. 2026.

ALIGHIERI, Dante. A divina comédia. Tradução de Xavier Pinheiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 19. (Coleção Os Pensadores).

AMADO, Jorge. Capitães da areia. São Paulo: Abril Cultural, 1981. (Coleção Grandes Sucessos).

ANDRADE, Carlos Drummond de. Sentimento do mundo. São Paulo: Abril Cultural, 1982. p. 15. (Coleção Literatura Comentada).

ARETINO, Pietro. Sonetos luxuriosos. Tradução de Glauco Mattoso. São Paulo: Expressão, 1986.

ARTAUD, Antonin. O teatro e seu duplo. Tradução de Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Coleção Debates).

BATAILLE, Georges. O erotismo. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BECCARIA, Cesare. Dos delitos e das penas. Tradução de José Cretella Júnior e Agnes Cretella. São Paulo: Abril Cultural, 1971. (Coleção Os Pensadores, v. 26).

BORGES, André. A fuga: rumo à luta armada contra a ditadura. 2. ed. São Paulo: Gôndola, 2017. 240 p.

CALDERÓN DE LA BARCA, Pedro. A vida é sonho. Tradução de José Bento. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

DALI, Salvador. A Face da Guerra. 1940. 1 original de arte, óleo sobre tela, 64 x 79 cm. Museu Boijmans Van Beuningen, Roterdã.

DEBRET, Jean-Baptiste. Aplicação do Castigo do Açoite. 1834-1839. 1 original de arte, litografia colorida, 22 x 34 cm. In: DEBRET, Jean-Baptiste. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. Paris: Firmin Didot Frères, 1834.

DELEUZE, Gilles. O abecedário de Gilles Deleuze. Entrevista concedida a Claire Parnet. Direção de Pierre-André Boutang. Paris: Éditions Montparnasse, 1996. 3 DVDs.

DIDEROT, Denis. Dos autores e dos críticos. In: DIDEROT, Denis. Textos Escolhidos. Tradução de Marilena de Souza Chauí e J. Guinsburg. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 119-122. (Coleção Os Pensadores).

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Crime e castigo. Tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes. São Paulo: Abril Cultural, 1971. (Coleção Os Pensadores, v. 45).

_____. Recordações da casa dos mortos. Tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes. São Paulo: Abril Cultural, 1971. (Coleção Os Pensadores, v. 45).

ÉSQUILO. Prometeu acorrentado. In: Tragédias. Tradução de Mário da Gama Kury. São Paulo: Abril Cultural, 1976. p. 32. (Coleção Os Pensadores).

FIGUEIREDO, Guilherme. A raposa e as uvas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Coleção Teatro de Guilherme Figueiredo).

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 155.

GENET, Jean. A criança criminosa. In: BASTOS, Ruth et al. Adolescência, violência e a lei. Rio de Janeiro: Cia. de Freud; Vitória: Escola Lacaniana de Psicanálise, 2007. p. 13-22.

_____. Diário de um ladrão. Tradução de Guilherme de Almeida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

_____. O balcão. Tradução de Guilherme Figueiredo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. (Coleção Teatro).

GORKI, Máximo. Minhas universidades. Tradução de Fernando Lopes Graça. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Coleção Os Pensadores, v. 46).

HUGO, Victor. Os miseráveis. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

JUNG, Carl Gustav. Memórias, sonhos, reflexões. Organização de Aniela Jaffé. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Petrópolis: Vozes, 2006.

LOCKE, John. Segundo tratado sobre o governo. Tradução de E. Jacy Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores, v. 18).

MARCOS, Plínio. Dois perdidos numa noite suja. 15. ed. São Paulo: Ícone, 1995. (Coleção Teatro de Plínio Marcos).

MORE, Thomas. A utopia. Tradução de Márcio Pugliesi. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 168. (Coleção Os Pensadores, v. 10).

NARVAES, Viviane. O teatro do sentenciado de Abdias Nascimento: classe e raça na modernização do teatro brasileiro. 2019. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 345. (Coleção Os Pensadores).

_____. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Mário da Silva. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Assim falou Zaratustra; Além do bem e do mal. Tradução de Paulo César de Souza e Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

PESSOA, Fernando. Palavras a um pensamento. In: PESSOA, Fernando. Obra Poética e em Prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p. 642.

PINHEIRO, Paulo César; DUARTE, Mauro; NOGUEIRA, João. Um Ser de Luz. 1983.

PLATÃO. A República. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Coleção Os Pensadores, v. 2).

_____. Górgias. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Coleção Os Pensadores, v. 2).

RODRIGUES, Nelson. O beijo no asfalto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. (Coleção Teatro Completo).

ROTTERDAM, Erasmo de. O elogio da loucura. Tradução de Paulo M. de Oliveira. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Coleção Os Pensadores, v. 10).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio, ou Da Educação. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores, v. 24).

TCHEKHOV, Anton. Sem trama e sem final: 99 conselhos sobre a escrita e a vida. Organização de Piero Brunello. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Porto Alegre: L&PM, 2011.

TEIXEIRA, Edson Sodré. Nosso Evangelho. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 3, n. 39, p. 1-13, dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/18861>. Acesso em: 7 abr. 2026.

VOLTAIRE. Cândido, ou O Otimismo. In: VOLTAIRE. Cartas inglesas; Dicionário filosófico; O touro branco; Cândido, ou O otimismo. Tradução de Marilena de Souza Chauí et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 308. (Coleção Os Pensadores).

_____. Cartas Inglesas; Dicionário Filosófico; O Touro Branco; Cândido, ou O Otimismo. Tradução de Marilena Chauí et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

WILLIAMS, Tennessee. Fuga. In: WILLIAMS, Tennessee. 27 vagões de algodão e outras peças curtas. Tradução de Marcos Daud. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 42. (Coleção Teatro Vivo).

ZIMBARDO, Philip. O efeito Lúcifer: como pessoas boas se tornam más. Tradução de Marcello Lino. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SÍTIOS CONSULTADOS

<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/almanaque/face-da-guerra-uma-das-obras-mais-simbolicas-e-comoventes-de-salvador-dali.phtml> – Acessado em 11 de maio de 2026.

<https://share.google/EEFBWbQUqDYXZ5qBI> – Acessado em 11 de maio de 2026

[PressReader.com - Réplicas de Jornais de Todo o Mundo](#) – Acessado em 11 de maio de 2026

[Presídio Frei Caneca - 28/09/2012 - Cotidiano - Fotografia - Folha de S.Paulo](#) – Acessado em 11 de maio de 2026

[A história do fundador do Comando Vermelho que viveu em Leopoldina - Jornal Leopoldinense](#) – Acessado em 11 de maio de 2026

[Folha de S.Paulo - Na toca: No Rio, adolescentes vivem em bueiros - 31/05/2005](#) – Acessado em 11 de maio de 2026